



Boletim

Agropecuário

Nº 154, mar/2026



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Admir Edi Dalla Cort

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Nº 154, mar/2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Lillian Bastian
Rogério Goulart Junior



Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns

Andriele Caroline De Moraes

Bruna Parente Porto

Catherine Amorim

Édila Gonçalves Botelho

Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater

Gabriella Cristina Sevald

Lucas Trindade Borges

Maiara Antunes

Valdenize Pianaro

Valmir Kretschmer

Diagramação: Sidausa Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: mar/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite

Presidente da Epagri



Sumário

Fruticultura	7
Grãos	13
Hortaliças	32
Pecuária	41



Fruticultura

Banana8

Fruticultura



Banana

Rogério Goulart Junior

Economista, Dr. - Epagri/Cepa

rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

O mercado de bananas em Santa Catarina entre janeiro e fevereiro de 2026 apresenta desvalorização de preços ao produtor da banana-caturra com maior oferta e aumento na maturação que reduz a qualidade dos cachos devido as temperaturas mais elevadas, além de impactos dos eventos climáticos que afetaram as áreas em produção do Norte e do Sul Catarinense.

Preços e mercado estadual

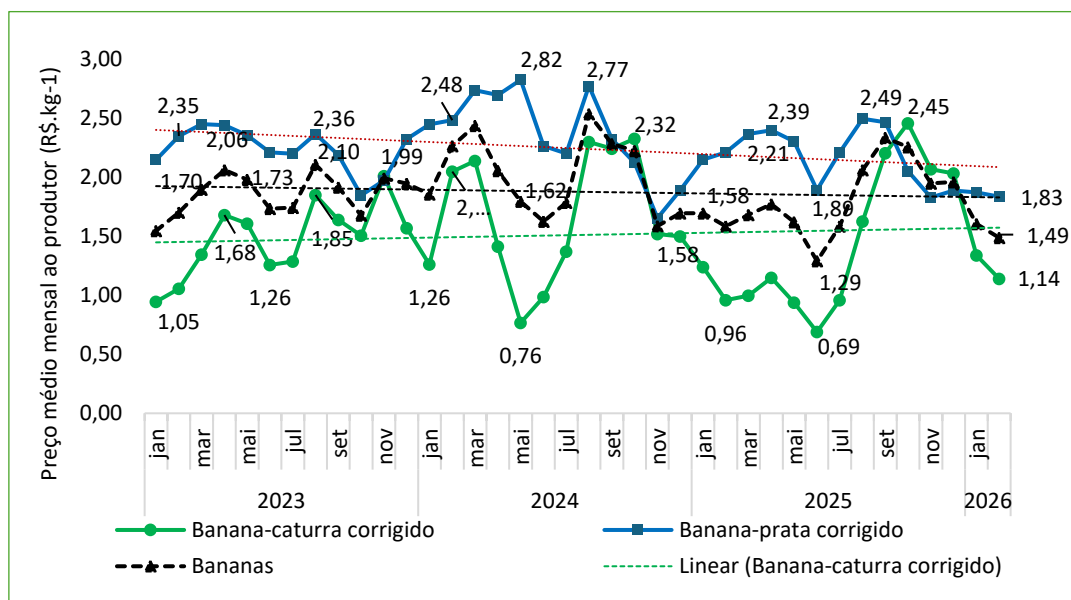


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – fev/26=100).

Fonte: Epagri/Cepa, 2026

Entre janeiro e fevereiro de 2026, as cotações ao produtor da banana-caturra apresentaram desvalorização de 14,8% devido ao maior desenvolvimento de cachos que aumenta a oferta da variedade. As cotações médias da variedade, no 4º trimestre de 2025, estavam 25,0% valorizadas em relação as de 2024, no mesmo período e 31,0% acima as de 2023. No comparativo entre fevereiro de 2026 e os preços dos anos anteriores houve valorização de 22,5%, em relação ao ano anterior, e desvalorização de 43,3%, em comparação a 2024. No mês de março, a expectativa é de desvalorização nos preços ao produtor com aumento na oferta para atender a demanda.

Para a banana-prata, entre janeiro e fevereiro de 2026, houve desvalorização de 2,0% nos preços com maior oferta. As cotações médias da variedade, no 4º trimestre de 2025, estavam 3,7% valorizadas em relação as de 2024, no mesmo período e 4,7% abaixo as de 2023. Em fevereiro, com menor oferta, as cotações estão 14,5% desvalorizadas, em relação às do mesmo mês do



ano anterior, e 24,7% em comparação a 2024. Em março, a expectativa é de redução nos preços ao produtor com aumento na oferta da variedade e diminuição na qualidade da fruta.

Na média, entre janeiro e fevereiro de 2026, houve desvalorização nos preços das bananas, com redução de 7,3%. As cotações médias das bananas, no 4º trimestre de 2025, estavam 14,1% valorizadas em relação as de 2024, no mesmo período, e 11,5% acima as de 2023. Em fevereiro as cotações estão 3,3% desvalorizadas em relação ao ano anterior e 33,1% em comparação a 2024. A expectativa é de redução nas cotações da banana-prata no início de 2026 e desvalorização nos preços da banana-caturra com aumento da oferta e concorrência com outras frutas.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças

Praça	Mês				Var. (%)
	Dez.25	Jan.26	Fev.26	Mar.26 ⁽²⁾	Fev./Jan.2026
Litoral Norte					
Caturra	1,88	1,19	0,85	1,25	-28,8
Prata	1,95	2,37	2,29	2,35	-3,4
Litoral Sul					
Caturra	1,88	1,19	0,85	1,25	-28,8
Prata	1,95	2,37	2,29	2,35	-3,4

⁽¹⁾ Valores em R\$/cx. 20 kg transformados em R\$.kg.⁻¹.

⁽²⁾ até o dia 7 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, março/2025

No Litoral Norte Catarinense, entre janeiro e fevereiro de 2026, houve desvalorização nos preços da banana-caturra com maior oferta da fruta e menor qualidade dos cachos afetados por eventos adversos. Em janeiro, houve precipitação frequente durante as semanas com acumulado acima de 55 mm. A safra iniciou com a fruta com uma qualidade um pouco inferior devido a períodos de seca e frio nos meses anteriores. Contudo a perspectiva é que a qualidade melhore com baixa precipitação e predominância de tempo nublado. As temperaturas estão acima de 25°C. As condições ambientais favorecem a colheita. Contudo a alta disponibilidade vem diminuindo o preço da fruta, o que causa preocupação aos produtores. Após o feriado de carnaval e com o início das aulas, a expectativa é de maior colheita na safra para suprir a demanda crescente pela fruta catarinense.

No Litoral Sul Catarinense, a banana-prata apresentou desvalorização nas cotações, entre janeiro e fevereiro de 2026, com aumento na oferta e problemas na qualidade na variedade. Em **janeiro**, após dias quentes e ensolarados na maior parte do tempo, na última semana houve volume acumulado de precipitação em alguns municípios e maior amplitude térmica ao longo do dia. A combinação dos dias quentes e a umidade trazida pelas chuvas favoreceu o desenvolvimento de problemas fitossanitários, afetando a qualidade dos cachos. Em fevereiro, o aumento das temperaturas diurnas acima de 30 °C, e muita chuva acumulada em pouco tempo, e com ventos fortes. A expectativa é de maior desenvolvimento dos cachos com diminuição na qualidade da variedade da banana-prata com pressão nas cotações regionais da fruta.

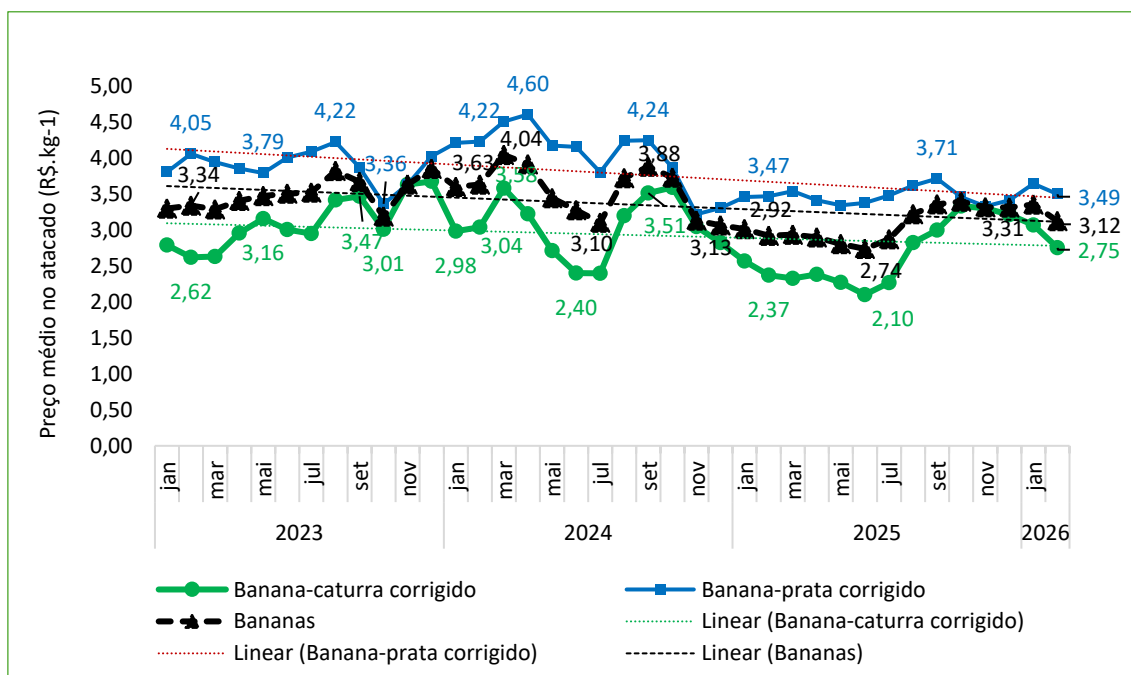


Figura 2. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC

Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – fevereiro/26=100)

Fonte: Epagri/Cepa, 2026

No mercado atacadista estadual, entre janeiro e fevereiro de 2026 houve desvalorização de 10,3% nas cotações da banana-caturra, devido ao aumento na oferta nacional da variedade; e desvalorização de 4,0% nas de banana-prata pela concorrência com outras frutas da época. Ao comparar o mês de fevereiro com o do ano anterior, os preços apresentaram valorização de 16,0% para a banana-caturra e de 0,8% para a banana-prata. Na média, as bananas apresentaram as cotações desvalorizadas 6,9% entre janeiro e fevereiro, com valorização nos preços de 7,0% em relação a fevereiro do ano anterior.

Nos dois primeiros meses de 2025, nas Centrais de Abastecimento de Santa Catarina (Ceasa-SC), o volume comercializado total de banana foi de 1.722,43 toneladas. Entre janeiro e fevereiro houve com aumento no volume da fruta de 7,3%, sendo, 71,6% de origem catarinense no período. No bimestre foram gerados R\$6,86 milhões em valores negociados com aumento de 6,0% entre janeiro e fevereiro, sendo, 70,3% gerados de bananas de origem catarinense.

No primeiro bimestre de 2026, na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp-SP), o volume comercializado total de banana foi de 8.909,28 toneladas. Entre janeiro e fevereiro houve com redução no volume da fruta de 7,9%, sendo, 6,5% de origem catarinense. No período foram gerados R\$34,37 milhões em valores negociados com diminuição de 17,0% entre janeiro e fevereiro, sendo, 5,4% gerados de bananas de origem catarinense.

Mercado Externo

Entre janeiro e fevereiro de 2026, o volume das exportações brasileiras de banana apresentou ampliação com a maior participação de Santa Catarina no mercado externo, superando os volumes e valores anuais das exportações dos dois últimos anos.

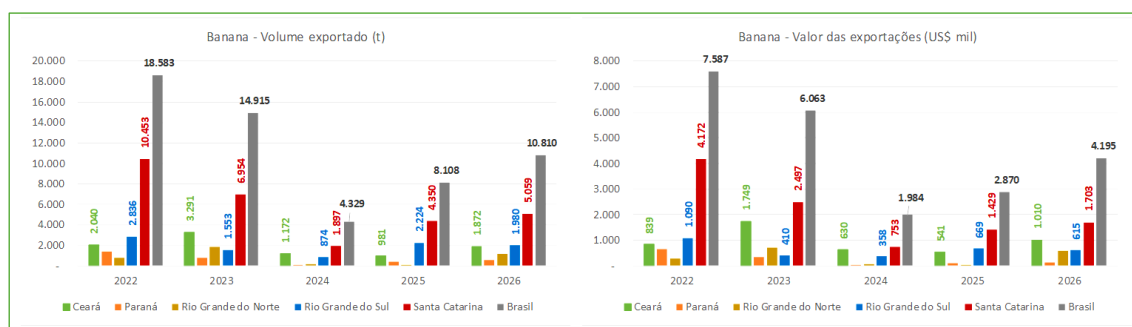


Figura 3. Banana – Evolução das exportações brasileiras no 1º bimestre

(*) 2026 de janeiro e fevereiro.

Fonte: Comex Stat/MDIC, março/2025

As exportações brasileiras de banana, no primeiro bimestre de 2026, apresentaram volume comercializado de 10,8 mil toneladas com recuperação e crescimento de 33,3% em comparação aos dois primeiros meses de 2025. Os valores brasileiros negociados, no período, foram de US\$4,19 milhões, com ampliação de 46,2% no comparativo com o ano anterior.

Nos dois meses de 2026, os principais países de destino das exportações brasileiras de banana foram: o Uruguai (36,5%) com US\$1,5 milhões e aumento de 3,0% em relação a 2025; Argentina (23,5%) com US\$984 mil e aumento de 5,8% em comparação ao ano anterior; Países Baixos (20,5%) com US\$858 mil e Espanha (9,6%) com US\$403 mil.

Em volume, o Uruguai participou com 4,6 mil toneladas e aumento de 2,7% em comparação ao ano anterior; a Argentina com 3,1 mil toneladas e variação de 10,5%; Países Baixos com 1,6 mil toneladas; e a Espanha com 805 toneladas exportadas.

O Estado de Santa Catarina, com 5,0 mil toneladas, representa 46,8% do volume exportado brasileiro entre janeiro e fevereiro de 2025 e obteve ampliação de 16,3% em comparação a 2025. Os valores das exportações catarinenses, no período, foram de US\$1,70 milhões, representando 40,6% do total brasileiro e com crescimento de 19,2% no comparativo com o ano anterior.

O Rio Grande do Sul participa com 18,3% do volume exportado brasileiro, mas obteve redução de 11,0% em comparação ao 1º bimestre de 2025. Os valores das exportações gaúchas representaram 14,7% do total brasileiro. O Ceará representa 17,3% do volume exportado brasileiro e obteve ampliação de 90,7% em comparação ao ano anterior. Os valores das exportações cearenses representaram 24,1% do total brasileiro no período analisado.

Comparativo e evolução de safra Comparativo de safras – Banana total

Microrregiões	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2025/26
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade e média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade e média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	5.354	161.491,55	30.163	5.177	159.808,54	30.869	-3,31%	-1,04%	2,34%	20,89%
Itajaí	3.919	121.993,00	31.129	3.929	118.740,43	30.222	0,26%	-2,67%	-2,91%	15,52%
Joinville	11.938	343.593,00	28.781	12.358	360.493,00	29.171	3,52%	4,92%	1,35%	47,11%
São Bento do Sul	510	14.420,00	28.275	510	13.011,56	25.513	0,00%	-9,77%	-9,77%	1,70%
Araranguá	5.329	99.952,25	18.756	5.725	89.283,70	15.595	7,43%	-10,67%	-16,85%	11,67%
Criciúma	1.318	25.316,90	19.209	1.305	22.802,78	17.473	-0,99%	-9,93%	-9,03%	2,98%
Tubarão	98	1.558,08	15.899	95	1.039,20	10.939	-3,06%	-33,30%	-31,20%	0,14%
Total	28.466	768.324,78	26.991	29.099	765.179,21	26.296	2,22%	-0,41%	-2,58%	100,00%

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026



No comparativo de safras a estimativa é de redução de 0,41% na produção de banana, em relação à da safra anterior, com acréscimo de 2,22% na área em produção. As microrregiões do Norte Catarinense representam 85,2% do total, enquanto das microrregiões do Sul Catarinense representam os outros 14,8% da produção de banana no Estado. Os seis principais municípios produtores representam 82,2% da área estadual. O município de Corupá lidera com 24%, seguido de Luiz Alves (21,8%), Jacinto Machado (15,2%), Massaranduba (9,9%), Jaraguá do Sul (6,0%) e São João do Itaperiú (5,4%).

Participação da banana-caturra

Microrregiões	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2025/26
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade e média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade e média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	4.943	152.558,00	30.863	4.765	151.661,69	31.828	-3,60%	-0,59%	3,13%	24,04%
Itajaí	3.334	110.218,00	33.059	3.334	106.906,88	32.066	0,00%	-3,00%	-3,00%	16,95%
Joinville	10.328	309.994,00	30.015	10.581	322.010,00	30.433	2,45%	3,88%	1,39%	51,05%
São Bento do Sul	320	10.240,00	32.000	320	8.960,00	28.000	0,00%	-12,50%	-12,50%	1,42%
Araranguá	1.628	35.671,65	21.911	1.618	31.334,98	19.366	-0,61%	-12,16%	-11,61%	4,97%
Criciúma	504	11.626,40	23.068	478	9.956,00	20.828	-5,16%	-14,37%	-9,71%	1,58%
Tubarão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,00%
Total	21.057	630.308,05	29.933	21.096	630.829,55	29.903	0,19%	0,08%	-0,10%	100,00%

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Participação da banana-prata

Microrregiões	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2025/26
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade e média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade e média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	411	8.933,55	21.736	412	8.146,85	19.774	0,24%	-8,81%	-9,03%	6,06%
Itajaí	585	11.775,00	20.128	595	11.833,55	19.888	1,71%	0,50%	-1,19%	8,81%
Joinville	1.610	33.599,00	20.869	1.777	38.483,00	21.656	10,37%	14,54%	3,77%	28,64%
São Bento do Sul	190	4.180,00	22.000	190	4.051,56	21.324	0,00%	-3,07%	-3,07%	3,02%
Araranguá	3.701	64.280,60	17.368	4.107	57.948,72	14.110	10,97%	-9,85%	-18,76%	43,13%
Criciúma	814	13.690,50	16.819	827	12.846,78	15.534	1,60%	-6,16%	-7,64%	9,56%
Tubarão	98	1.558,08	15.899	95	1.039,20	10.939	-3,06%	-33,30%	-31,20%	0,77%
Total	7.409	138.016,73	18.628	8.003	134.349,66	16.787	8,02%	-2,66%	-9,88%	100,00%

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

A expectativa é de aumento na produção de banana-caturra de 0,08% em relação a safra anterior, com os municípios das microrregiões do Norte Catarinense participando com 93,5% da produção estadual e os do Sul Catarinense com 6,5%. Na produção de banana-prata é esperada redução de 2,66%, entre as safras de 2024/25 e 2025/26, com participação de 53,2% das microrregiões do Sul Catarinense e 46,5% das do Norte Catarinense.



Grãos

Arroz	14
Feijão	17
Milho	20
Soja	25
Trigo	29



Grãos



Arroz

Glaucia de Almeida Padrão

Economista, Dra. - Epagri/Cepa

glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado de arroz continuou apresentando leve recuperação no primeiro decêndio de março, seguindo tendência apresentada em fevereiro e contrariando o comportamento esperado para esta época do ano. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor, a média de fevereiro fechou em R\$54,80, o que representou um aumento de 2,7% em relação ao mês anterior e na média parcial de março os preços fecharam em R\$56,22 (variação de 2,6% em relação a fevereiro), segundo dados do Cepea. Em Santa Catarina, segundo maior produtor e mercado fortemente influenciado pelo estado gaúcho, foi observado comportamento similar ao do estado gaúcho. No mês de fevereiro, o preço médio pago ao produtor no estado totalizou R\$48,81/saca de 50kg, representando uma variação de 0,7% em relação a janeiro. Já nos primeiros dias de março o mercado reagiu com mais força e tem média parcial de R\$51,31/saca de 50kg (variação de 5,12% em relação a fevereiro).

Este comportamento dos preços é inesperado para o momento do ano, haja vista que neste período há intensificação da colheita no sul do país e a tendência é que os preços caiam. Porém o mercado tem sido marcado por baixa liquidez e restrição momentânea da oferta interna. Isto porque, mesmo com o início da colheita em janeiro, muitos produtores mantiveram uma postura retraída diante dos preços e preferiram adiar as vendas. Esse comportamento limitou a disponibilidade imediata de produto no mercado físico. Como resultado, as indústrias elevaram pontualmente suas ofertas de compra e levaram aos aumentos pontuais nos preços.

Nesse cenário, embora a maior demanda da indústria no período de colheita possa contribuir para sustentar os preços no curto prazo, os fundamentos de mercado ainda indicam dificuldades para uma recuperação mais expressiva. Assim, o setor produtivo segue pressionado por margens negativas, já que os preços atuais não cobrem os custos de produção, o que tem levado os produtores e suas entidades representativas a pleitearem medidas de apoio.

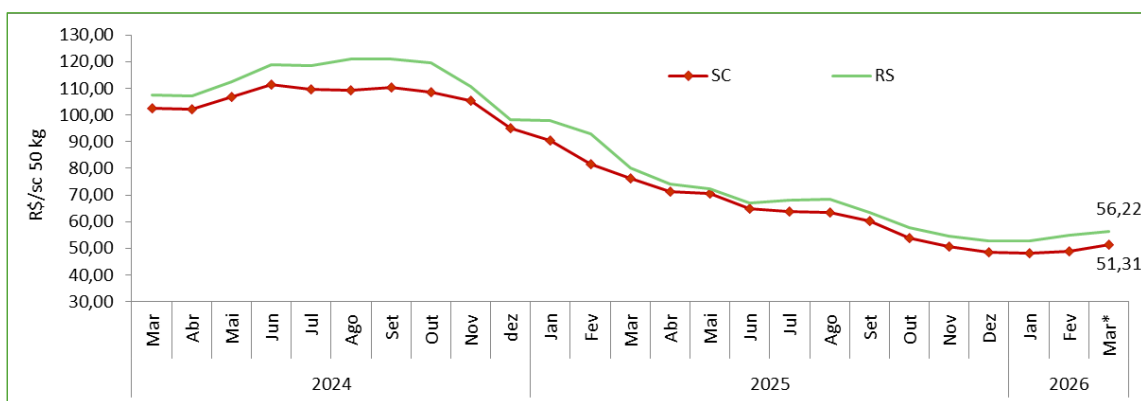


Figura 1. Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (mar./2024 a mar./2025*)

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Fonte: SC – Epagri/Cepa, RS – Cepea, março/2026



Comércio Exterior

No que diz respeito ao comércio internacional de arroz, no ano de 2025 foram exportados US\$ 2,16 milhões, tendo como principais destinos Trinidad e Tobago (28,5%), Cuba (20,6%) e Gâmbia (13,0%). Esse valor é 43,68% menor do que o exportado em 2024. Já no ano de 2026, o mercado parece estar mais atrativo. Entre janeiro e fevereiro foram exportados o equivalente a US\$589,49 mil, o que representa uma variação de 59% em relação ao mesmo período do ano anterior. A média parcial brasileira para os 5 primeiros dias de março, divulgado pelo MDIC, sinalizam para ritmo aquecido das exportações, o que deverá refletir nas exportações de Santa Catarina e possivelmente nos preços internos.

As exportações, são apontadas como uma saída para reduzir a pressão da oferta interna sobre os preços, porém até o momento, não tem resultado em volume suficiente, haja vista a limitada atratividade do mercado externo ao longo do ano e a atuação dos demais países do Mercosul de forma mais competitiva do que o Brasil.

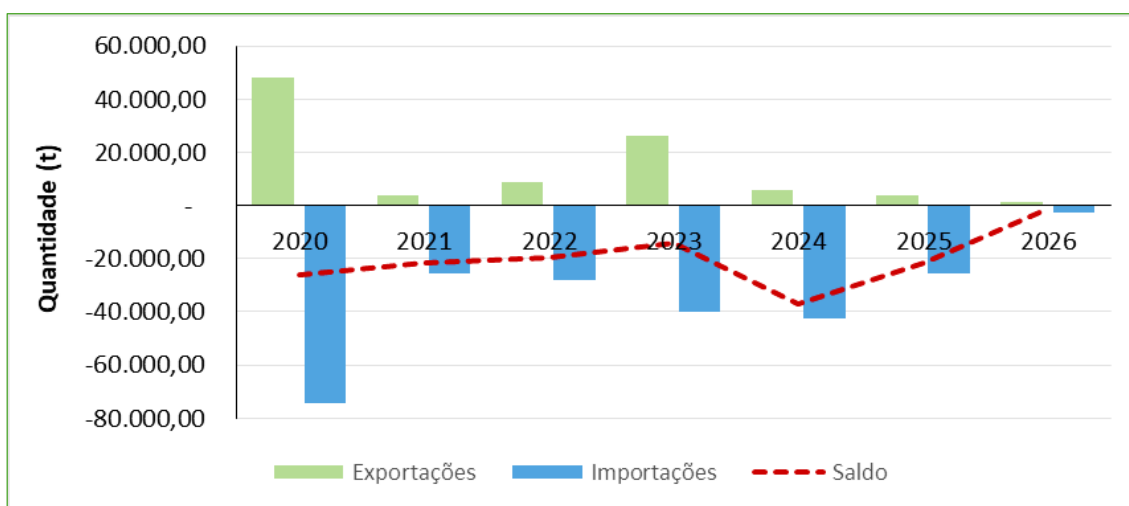


Figura 2. Arroz – SC: evolução das exportações anuais – (2020 a 2026*)

(*) Para o ano de 2026 estão os dados acumulados de janeiro e fevereiro.

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026

Do lado das importações, no ano de 2025 o volume que entrou no estado também foi significativamente menor em relação a 2024. Nos doze meses, entraram no estado 25,6 mil toneladas de arroz, totalizando US\$12,03 milhões no acumulado do ano. Este valor foi 61,32% menor do que o registrado em 2024. A redução das importações neste ano é resultado de dois aspectos, o excesso de oferta interna em 2025 e a escassez da oferta em 2024, que levou a uma maior demanda do grão importado em 2024. Uruguai, Paraguai e Itália continuaram sendo os principais fornecedores do produto ao estado. Entre janeiro e fevereiro de 2026, o estado importou 243 mil toneladas o que representa uma variação de -19,13% em relação ao mesmo período de 2025. Isto porque, a oferta interna continua alta e os preços baixos.



Acompanhamento de safra



No que se refere à safra 2025/26 de arroz, no Brasil, dados de fevereiro divulgados pela Conab apontam para uma área cerca de 11% menor do que a da safra passada e produção estimada em 10.914 mil toneladas (variação de -14,4% em relação à safra 2024/25). Essa retração de área está associada, sobretudo, à expressiva queda nos preços recebidos pelos produtores ao longo de 2024/25, o que dificultou a cobertura dos custos de produção e acabou desestimulando o plantio da nova safra, tanto nos principais estados produtores quanto em estados onde a cultura é utilizada como oportunidade ou para abertura de novas áreas, como estados do Centro-oeste e nordeste, onde as reduções nas áreas foram mais significativas. De acordo com o relatório de monitoramento de safras da Conab, divulgado no final de fevereiro as lavouras de arroz no Brasil apresentam, de modo geral, bom desenvolvimento nas principais regiões produtoras, favorecidas por condições climáticas

relativamente adequadas e disponibilidade hídrica satisfatória.

Em Santa Catarina, as estimativas da Epagri/Cepa apontam para uma leve redução de área cultivada, projetada em 1,3% em relação à safra anterior. A produtividade também deve ser menor em Santa Catarina, estimada em 8.508kg/ha, o que representa uma redução de 4,9% frente à safra passada. Essa queda, porém, reflete principalmente o desempenho excepcional registrado no ciclo anterior, com a atual safra retornando a níveis mais próximos da normalidade, mas também o menor aporte de recursos em insumos como adubação e agrotóxicos, diante do cenário de preços pagos menores que os custos de produção. A combinação entre menor área plantada e redução de produtividade deverá resultar em uma produção total de 1,220 milhão de toneladas. De forma geral, a expectativa é de uma safra normal com resultados positivos, ainda que menos expressivos do que os alcançados em 2024/25. Atualmente, 100% da área estimada para o estado de Santa Catarina já foi semeada, e 26% da área foi colhida até final de fevereiro. Do que está a campo, 49% encontram-se em maturação, 46% em floração e 5% em desenvolvimento. De maneira geral, 94% das lavouras encontram-se em condições boas, embora ocorram registros pontuais de altas temperaturas e de pragas associadas à umidade.

Tabela 1. Arroz – Comparativo de safras

Microrregião	2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.848	9.058	533.039	58.474	8.487	496.268	40,66	-0,64	-6,30	-6,90
Blumenau	7.048	9.883	69.654	6.993	8.950	62.590	5,13	-0,78	-9,44	-10,14
Criciúma	21.829	9.185	200.501	21.849	8.582	187.516	15,36	0,09	-6,56	-6,48
Florianópolis	1.894	6.946	13.155	2.115	6.611	13.983	1,15	11,67	-4,82	6,29
Itajaí	8.987	8.424	75.707	8.504	8.330	70.839	5,80	-5,37	-1,11	-6,43
Ituporanga	170	8.405	1.429	175	9.000	1.575	0,13	2,94	7,08	10,22
Joinville	17.709	8.366	148.150	17.525	8.313	145.685	11,94	-1,04	-0,63	-1,66
Rio do Sul	9.990	9.861	98.510	9.896	10.253	101.465	8,31	-0,94	3,98	3,00
Tabuleiro	132	8.045	1.062	120	8.900	1.068	0,09	-9,09	10,63	0,56
Tijucas	2.164	7.377	15.963	1.960	7.334	14.374	1,18	-9,43	-0,59	-9,95
Tubarão	16.523	8.633	142.648	15.852	7.895	125.158	10,25	-4,06	-8,54	-12,26
Santa Catarina	145.294	8.946	1.299.818	143.463	8.508	1.220.521	100,00	-1,26	-4,90	-6,10

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026



Grãos



Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado do feijão segue aquecido neste início de ano, com fortes altas em fevereiro. Em Santa Catarina, o preço médio mensal recebido pelos produtores de feijão-carioca em fevereiro teve variação positiva de 40,27%, fechando o mês em R\$213,92/sc 60kg. Para o feijão-preto, a alta mensal foi de 14,57%, encerrando o período em R\$142,36/sc 60kg. Na variação anual, o preço médio da saca de feijão-preto está 15,91% mais baixo em comparação a fevereiro de 2025, quando foi cotado a R\$169,30/sc 60kg.

Tabela 1. Feijão BR – Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)

Estado	Tipo	Jan./2026	Fev./2026	Variação mensal (%)	Fev./2025	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	152,51	213,92	40,27	136,45	56,78
Paraná		221,43	290,12	31,02	183,29	58,28
Minas Gerais		236,25	304,67	28,96	188,13	61,95
Bahia		234,75	313,13	33,39	259,08	20,86
São Paulo		234,75	297,25	26,62	238,38	24,70
Goiás		229,76	286,39	24,65	198,75	44,10
Santa Catarina	Feijão-preto	124,26	142,36	14,57	169,30	-15,91
Paraná		145,18	171,16	17,90	167,13	2,41
Rio Grande do Sul		109,14	128,88	18,09	169,51	-23,97

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), março/2026

No início de março, o mercado tem apresentado um bom ritmo de vendas. Apesar disso, o setor atacadista aguarda a reação do varejo quanto ao repasse de preços, enquanto os produtores ofertam o grão de forma escalonada. Entre 28 de fevereiro e 8 de março, o preço médio estadual apresentou tendência de elevação: em comparação à média de fevereiro, registrou-se alta de 7,04% para o feijão-preto e 6,49% para o feijão-carioca.

Segundo dados da Conab, o consumo de feijão para a safra em andamento deve se manter estável; contudo, a produção nacional deverá reduzir cerca de 3,06%. Com a menor oferta esperada, que associada às dificuldades de colheita da primeira safra e à perspectiva de recuo na segunda, a disponibilidade de feijão deve ser a menor dos últimos anos. Esses fatores têm influenciado o mercado, impulsionando as cotações.

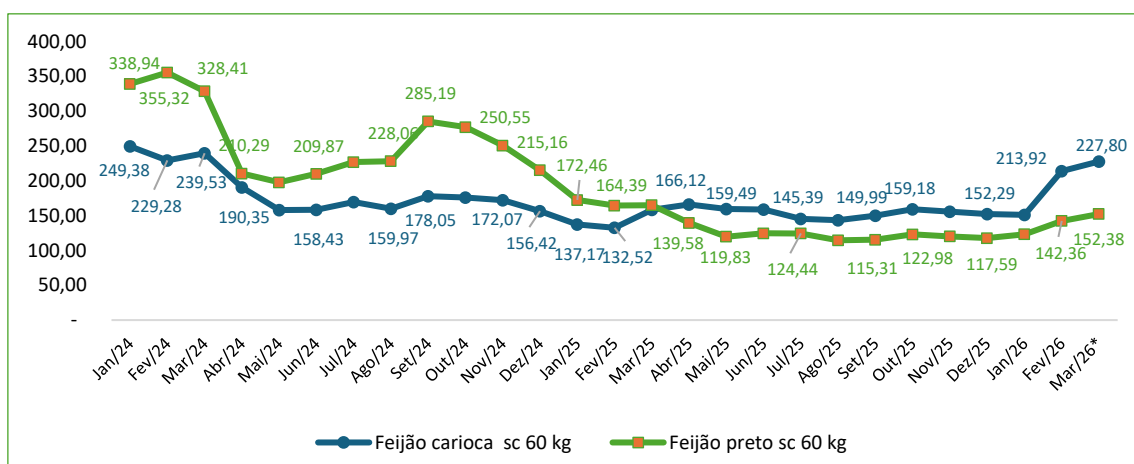


Figura 1. Feijão – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a mar./2026*)

(*) Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês. Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Safra Nacional

Os dados divulgados pela Conab em fevereiro reportam que a safra brasileira de feijão passou a ser estimada em 2,97 milhões de toneladas, a menor em quatro anos. Porém, quando se somam a essa produção os estoques iniciais e as importações, a disponibilidade interna (suprimento) é prevista em 3,09 milhões de toneladas. Este volume se apresenta como um dos menores dos últimos anos, assim como o estoque final, que também deverá ser reduzido.

Tabela 2. Feijão BR – Balanço de oferta e demanda (mil toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Demanda Total	Estoque Final
2019/20	259,70	3.222,10	113,60	3.595,40	3.150,00	176,70	3.326,70	268,70
2020/21	268,70	2.893,80	83,10	3.245,60	2.900,00	223,70	3.123,70	121,90
2021/22	121,90	2.990,20	76,10	3.188,20	2.850,00	136,10	2.986,10	202,10
2022/23	202,10	3.036,70	69,00	3.307,80	2.850,00	139,00	2.989,00	318,80
2023/24	318,80	3.198,60	22,20	3.539,60	2.900,00	343,60	3.243,60	296,00
2024/25	296,00	3.059,90	13,90	3.369,80	2.800,00	464,20	3.264,20	105,60
025/26*	105,60	2.966,10	21,62	3.093,32	2.800,00	214,39	3.014,39	78,94

(*) Estimativa em fevereiro/2026.

Fonte: Conab, março/2026

Até 9 de março de 2026, a colheita nacional apresenta cenários distintos: enquanto no Paraná o processo foi finalizado em fevereiro e em Minas Gerais restam apenas talhões pontuais (ambos com bons rendimentos), na Bahia o excesso de chuva atrasa os trabalhos e prejudica a qualidade dos grãos. No Piauí, o plantio mais tardio resulta em lavouras ainda em pleno desenvolvimento, ao passo que, no Rio Grande do Sul, o clima seco favoreceu a secagem da produção, mas gerou estresse hídrico em áreas mais jovens. No panorama geral da primeira safra, 62,2% da área já foi colhida, com o restante da produção distribuído entre as fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos.



Safra Catarinense Feijão 1ª Safra

Em todo o estado, até o final de fevereiro, 63% da área destinada ao cultivo de feijão de primeira safra já havia sido colhida. O estágio de desenvolvimento predominante é o de maturação, presente em 71% da área. Em relação às condições das lavouras, 85% das áreas avaliadas são consideradas boas e 15% de condição média. O clima mais úmido e quente registrado nas últimas semanas, somado ao excesso de umidade, afetou as operações de colheita, que avançaram em ritmo mais lento.

Para a safra 2025/26 de feijão (1ª safra) que está no campo, as estimativas apontam para uma área plantada de 32,6 mil hectares, uma redução de 6,5% em relação à safra anterior. A produtividade média estimada é de 2.038kg/ha, contra os 2.054kg/ha alcançados anteriormente (leve redução de 0,80%), contudo, a estiagem que atinge a região do Planalto Sul, onde os cultivos ocorrem tardiamente, deverão reduzir a produtividade média estadual. Até o momento, a produção estimada é de 66,5 mil toneladas, redução de 7,2% em relação ao ciclo anterior.



Tabela 3. Feijão 1ª Safra – SC: Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produt.	Produção
Araranguá	60	1.355	81,285	12	1.195	14	0,02	-80	-11,8	-82,4
Blumenau	117	1.264	147,9	119	1.392	166	0,25	1,7	10,1	12
Campos de Lages	6.185	1.677	10.370	6.415	1.810	11.614	17,47	3,7	8	12
Canoinhas	7.700	1.856	14.293	6.850	1.780	12.196	18,35	-11	-4,1	-14,7
Chapecó	4.330	2.592	11.224	4.155	2.192	9.109	13,7	-4	-15,4	-18,8
Concórdia	305	1.236	377	302	1.470	444	0,67	-1	18,9	17,8
Criciúma	568	1.461	830	27	1.122	30	0,05	-95,2	-23,2	-96,3
Curitibanos	1.830	2.450	4.484	1.379	2.239	3.088	4,65	-24,6	-8,6	-31,1
Itajaí	150	1.200	180	3	1.500	5	0,01	-98	25	-97,5
Ituporanga	845	2.001	1.691	915	2.038	1.865	2,81	8,3	1,9	10,3
Joaçaba	2.640	2.579	6.810	2.649	2.579	6.831	10,28	0,3	0	0,3
Rio do Sul	757	1.879	1.422	687	1.901	1.306	1,96	-9,2	1,2	-8,2
São Bento do Sul	600	1.648	989	530	1.557	825	1,24	-11,7	-5,5	-16,6
São Miguel do Oeste	1.828	2.380	4.350	1.278	2.356	3.012	4,53	-30,1	-1	-30,8
Tabuleiro	325	1.791	582	5	1.800	9	0,01	-98,5	0,5	-98,5
Tijucas	170	1.489	253,1	80	1.611	129	0,19	-52,9	8,2	-49,1
Tubarão	570	1.385	789,53	250	1.212	303	0,46	-56,1	-12,5	-61,6
Xanxerê	5.908	2.162	12.774	6.956	2.231	15.520	23,35	17,7	3,2	21,5
Total geral	34.888	2.054	71.647	32.612	2.038	66.465	100	-6,5	-0,8	-7,2

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Grãos



Milho

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

O início de colheita da boa safra no Sul do Brasil e estoques remanescentes da safra anterior, e consequente maior oferta pressionam os preços em fevereiro e início de março na região sul do Brasil. A retração das cotações em 30 dias foi de 4,5% (Figura 1). Há um contraste com o Indicador ESALQ/BM&FBovespa, que acumulou aumento superior a 5% em fevereiro, o mercado futuro está precificando o atraso no plantio da segunda safra e uma possível quebra da produção estimada (Figura 2).

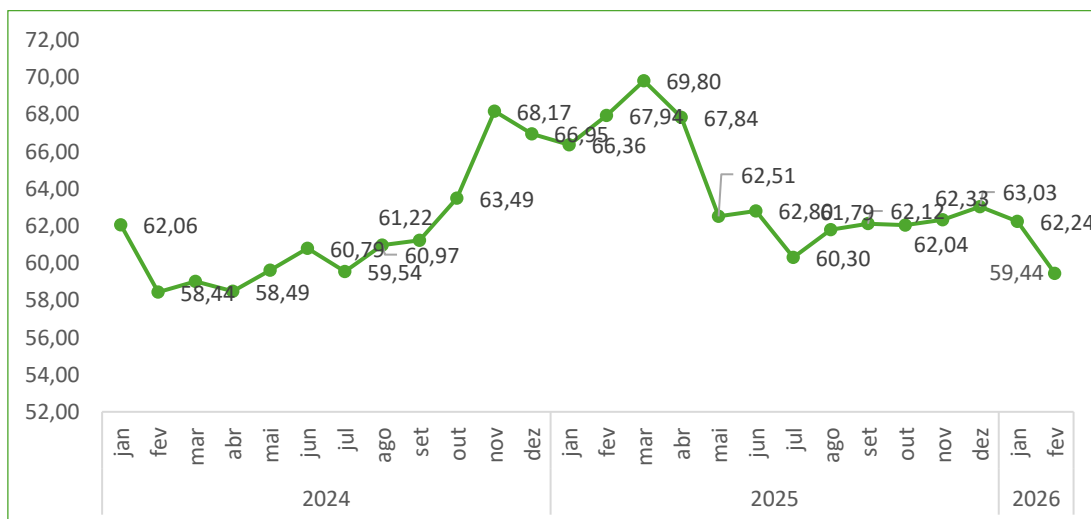


Figura 1. Milho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a fev./2026).

Fonte: Epagri/Cepa, março, 2026

Variação de preços

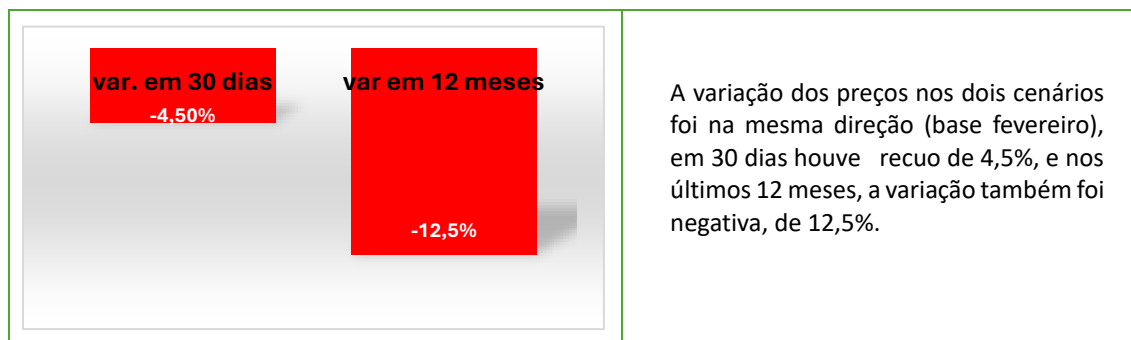


Figura 2. Milho – SC: variação dos preços em 12 meses e 30 dias (base fevereiro/2026)

Fonte: Epagri/Cepa, março de 2026



Preços futuros – B3

Os preços do milho iniciaram fevereiro em queda, pressionados pela demanda enfraquecida. Naquele período, compradores aguardavam um crescimento na oferta, atentos ao avanço da colheita da safra verão e às estimativas apontando boas safras nacional e mundial e maior estoque no Brasil. No entanto, os valores voltaram a avançar em meados do mês, sobretudo nas regiões consumidoras, onde a oferta esteve abaixo da demanda. Com isso, na região consumidora de Campinas (SP), o Indicador ESALQ/BM&FBovespa¹ acumulou aumento de 8,2% entre 30 de janeiro 11 de março (Figura 3).

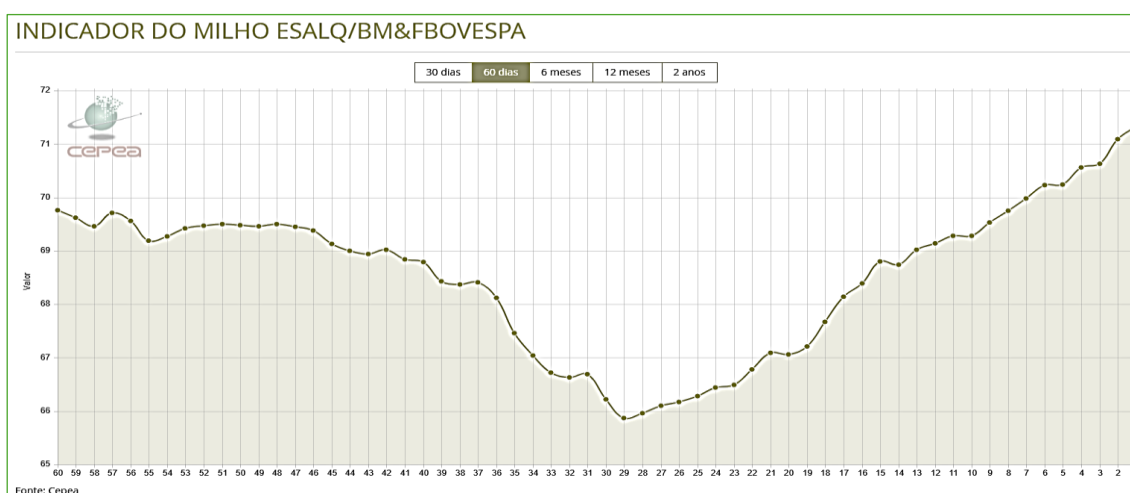


Figura 3. Milho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a jan./2026)

Fonte: Esalq/Cepea, março/2026

Fatores de mercado do milho no início de março de 2026

Fator	Impacto nos Preços	Descrição Resumida
Conflito no Oriente Médio (Irã)	Muito Alto	Risco logístico e de fluxo financeiro com o maior importador de milho brasileiro - Irã (22% das exportações em risco), cerca de 9 milhões de toneladas em 2025.
Custos de Produção (Fertilizantes/Diesel)	Alto	Crise do GNL na Índia encarece a ureia; alta do petróleo encarece o frete e insumos.
Demanda por Etanol/Petróleo	Médio-Alto	Petróleo em alta sustenta o milho via demanda por etanol (especialmente nos EUA).
Janela da Safrinha 2026	Médio	Avanço do plantio e ritmo de comercialização (15,2% no Centro-Sul).
Exportações dos EUA (USDA)	Médio	Ritmo acelerado (77% da meta atingida), servindo de suporte em Chicago (CBOT).

¹ <https://cepea.org.br/br/indicador/milho.aspx>



Perspectivas de Preços e Análise de Mercado

O mercado brasileiro rompeu barreiras importantes. A análise aponta para os seguintes pontos focais:

Preço Físico: O grão já superou os **R\$ 70,00** e, em algumas praças (como São Paulo e Mato Grosso), rompeu os **R\$ 75,00/saca**. A tendência é de manutenção desses níveis enquanto a colheita da 1ª safra não ganhar volume total e a safrinha seguir sob incertezas de custo.

O "Efeito conflito EUA x Irã": Embora o Irã seja o principal destino, há um otimismo moderado de que a diversificação dos portos brasileiros possa mitigar o encalhe de 22% da produção, mas o custo logístico será inevitavelmente repassado.

Oportunidade na Safrinha: Com apenas 15,2% da safrinha comercializada, o produtor está "segurando o grão", aguardando definições sobre o conflito internacional para travar preços mais altos, o que restringe a liquidez imediata.

Safra 2025/2026

2025 / 26	2024 / 25	Varição
Área plantada (ha)		
260.736	255.761	1,95%
Produtividade Média (kg/ha)		
8.802	9.852	-10,65%
Quantidade Produzida (t)		
2.295.049	2.519.658	-8,91%

Para milho-grão, na safra 2025/2026 a elevação da área de 1,95% (Figura 4) superior à safra anterior. A safra em curso (2025/2026) é considerada com bom desempenho até o momento, com problemas climáticos localizados. A produtividade estimada está em 8.802 kg/ha, cerca de 10% inferior ao ciclo anterior que foi uma excelente safra.

Figura 4. Milho-grão primeira 2025/26: área, produção e rendimento – comparativo com a safra 2024/25

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Condições das lavouras e calendário

Status da lavoura Plantado 100% Colhido 40% Condição da lavoura Ruim 4% Média 12% Boa 84%	Lavouras na primeira safra, 60% em maturação fisiológica e 40% colhido até fim de fevereiro (Figura 5). A condição das lavouras está com 84% boas até o momento, 16% em condições médias a ruim. Perspectiva positiva de produtividade até o momento, apesar das irregularidades climáticas (período de estiagem) em alguns municípios do planalto sul. A produtividade esperada é inferior ao ciclo passado, a qual foi recorde, mas ainda considerada boa.
---	---

Figura 5. Milho-grão primeira: condição de desenvolvimento das lavouras, na primeira semana de dezembro

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026



Acompanhamento de safra

Relato das condições da primeira safra de milho nas diferentes regiões do estado (Equipe da Epagri/Cepa, Assistente de pesquisa)

Microrregião	Evolução da colheita	Produtividade (sc/ha)	Panorama Consolidado (até primeira semana de março)
Sul do estado	Finalizada	Alta (Média ~180)	Safra concluída com sucesso. O clima seco e ensolarado no fim do ciclo favoreceu a colheita, com noites frias na última semana.
Campos de Lages	Em maturação	Desenvolvimento regular	A seca pontual em alguns municípios em fevereiro gerou preocupação e deverá reduzir o rendimento das lavouras.
Planalto Norte	Intensificando	180 >	Colheita ganhou ritmo no início de março devido ao tempo firme e ensolarado.
Chapecó/Xanxerê	Finalizada (>80%)	180 a 245	Apesar do frio no início do ciclo e calor em janeiro, a produtividade surpreendeu, superando a média esperada.
Concórdia	Em andamento	150 a 220	A produtividade varia conforme a janela de plantio e o volume de chuvas recebido em cada localidade.
Curitibanos/Campos Novos	Em andamento	180 a 250	Lavouras com rendimento "espetacular". A colheita avançou rapidamente em Campos Novos e Zortéa com clima favorável.
Joaçaba	Em andamento	150 a >190	Resultados acima da expectativa inicial. Lavouras do cedo performando melhor que as plantadas tardiamente.
Alto Vale do Itajaí	Em andamento	Bom desenvolvimento	Colheita avançando conforme as áreas atingem a maturação ideal. Clima tem sido o regulador do ritmo.
São Miguel do Oeste	Fase Final	125 a 240	Desenvolvimento muito bom. A colheita foi favorecida pela baixa pluviosidade nas últimas semanas, garantindo agilidade.

Safra Nacional

A produção total, somando as três safras, está estimada em 138,4 milhões de toneladas, redução de 1,9% em relação à safra anterior. Em relação a primeira safra, na atual safra teve crescimento da área cultivada de 7,2%, com reflexo na elevação da produção que representa 26,7 milhões de toneladas², aumento de 7,1% frente ao ciclo anterior. O plantio da segunda safra, em fase final de implantação, tem previsão de 17,9 milhões de hectares, e produção estimada de 109 milhões de toneladas. O plantio desta safra no centro Oeste está atrasado, o que poderá repercutir no rendimento e no mercado no segundo trimestre. A terceira safra com produção prevista de 2,5 milhões de toneladas.

² Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, n° 5 – Quinto levantamento | fevereiro 2026.

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
22.525,6 mil ha	6.146 kg/ha	138.448,2 mil t
+ 3,1%	- 4,9%	- 1,9%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

Figura 6. Milho – Brasil: área – Condição de desenvolvimento das lavouras (primeira semana de dezembro)

Fonte: Conab, fevereiro/2026



Soja

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Em fevereiro a cotação do preço médio da soja ao produtor teve queda de 3,7% (Figura 1 e 2), registro de R\$117,09 reais/sc, média estadual. A safra volumosa no Brasil, que está sendo colhida no início de 2026 e a elevação da oferta global da oleaginosa tem pressionado os preços no início deste ano. Este cenário contrasta com as cotações internacionais na Bolsa de Chicago, que tem apresentado elevação dos preços em fevereiro e início de março. O conflito no Oriente médio (alta do petróleo/óleo de soja) tem sido o principal fator das altas recentes (Figura 3).

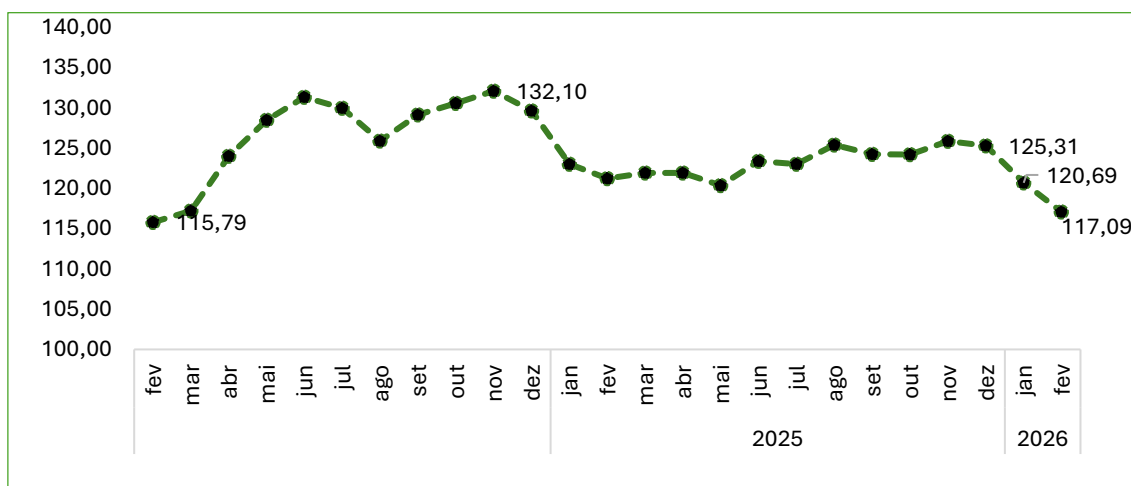


Figura 1. Soja – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (out./2024 a jan./2026)

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Variação dos preços

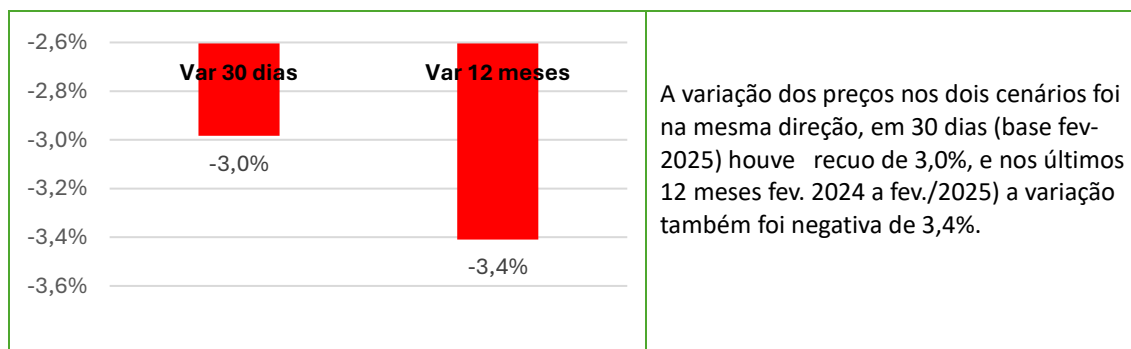


Figura 2. Soja – SC: variação dos preços médios real mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses (base fev./2026)

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Soja – Chicago

Com base nos dados de mercado de 12 de março de 2026, os futuros de Soja (ZS) nos EUA estão operando em um momento de alta volatilidade, impulsionados por tensões no Oriente Médio



que impactam o óleo de soja. Embora os preços tenham subido recentemente para os níveis mais altos desde maio de 2024 (superando os US\$12 por bushel), o cenário técnico no curto prazo, mostra um embate intenso, típico de finalizações de ciclos de alta. Mas, a questão geopolítica poderá sobrepor as tendências de mercado.



Figura 3. Soja – Chicago, CBOT: evolução dos preços diários Bolsa de Chicago – contrato maio de 2026 (jan.-mar./2026) – cotação em 12.03.2026

Fonte: Investing.com

Fatores que influem o preço da soja em início de março/2026

Fator de Mercado	Impacto nos Preços	Descrição do Impacto
Alta do Óleo de Soja/Petróleo	Muito alto (Alta)	O principal motor das altas recentes. A valorização de quase 3% a 4% no óleo puxa o grão em Chicago.
Safra Recorde no Brasil (180 Mt)	Alto (Baixa)	Teto para as altas. A oferta física abundante no Brasil limita ganhos expressivos no mercado interno.
Relatório do USDA (março/26)	Moderado (Misto)	No relatório de janeiro de 2026 o UDDA ⁽¹⁾ eleva a produção em 3 milhões de toneladas (435,6 milhões de toneladas). Em fevereiro trouxe poucas alterações, mas conformou estoques globais confortáveis, servindo de ajuste técnico.
Tensões geopolíticas (Oriente Médio)	Moderado (Alta)	Pressiona o petróleo para cima, o que por tabela beneficia as commodities agrícolas ligadas a biocombustíveis.
Câmbio (Dólar vs. Real)	Moderado (Baixa)	A perda de força do dólar no Brasil retira competitividade e pressiona os preços nos portos (ex: Paranaguá).
Posicionamento de Fundos	Moderado (Alta)	Movimento de fundos investidores saindo de posições vendidas para compradoras sustenta Chicago.

Figura 4. Soja – SC: fatores prevalentes de mercado internacional de soja com reflexo no Brasil

⁽¹⁾ Global Market Analysis: Foreign Agricultural Service/USDA 26 January 2026 Global Market Analysis

Fonte: USDA, CBOT, Esalq-Cepea, Investing.com, bloomberg, etc.

Elaboração: Epagri/Cepa, março/2026



Safra Catarinense 2025/2026

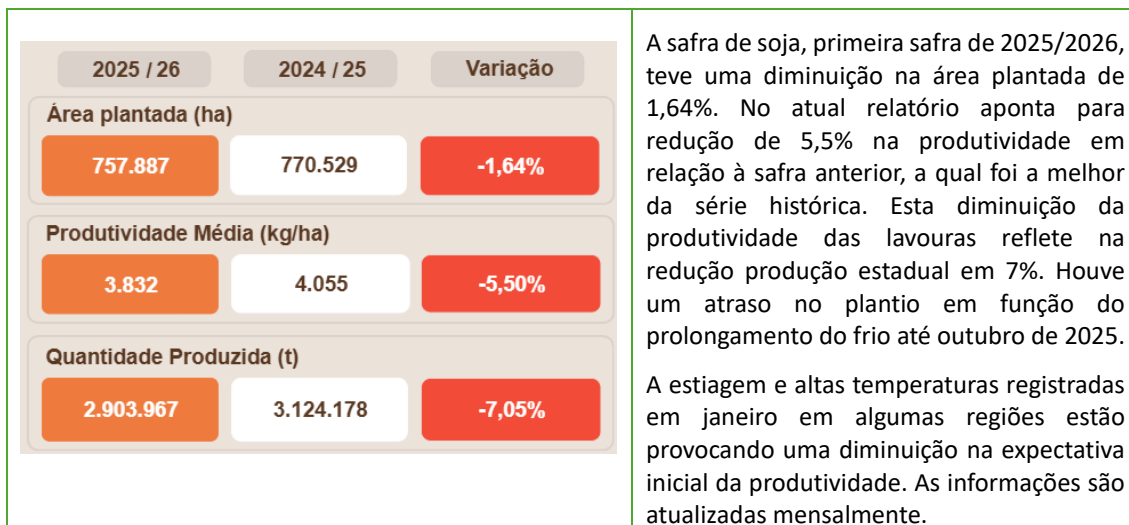


Figura 5. Soja 1ª safra – Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras

Calendário e condição das lavouras no estado

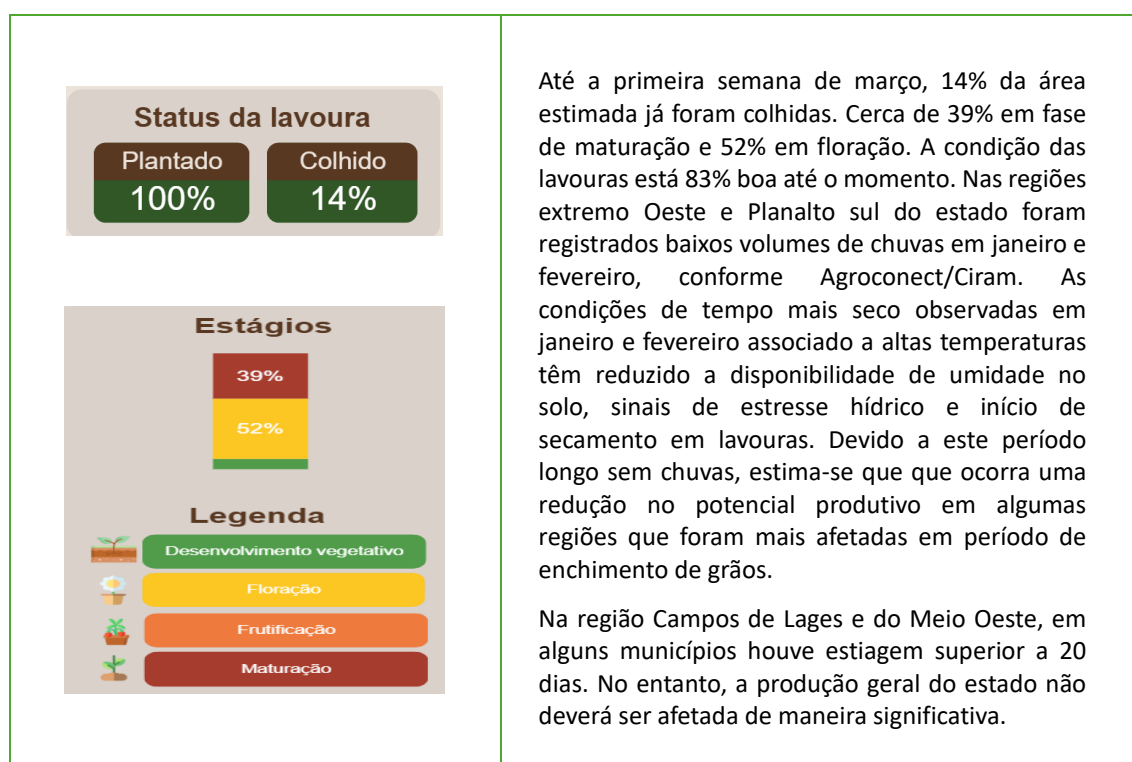


Figura 6. Soja – SC: calendário e condições das lavouras – safra 2025/26 (primeira semana de março/2026)

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026



Condições climáticas e reflexo na safra

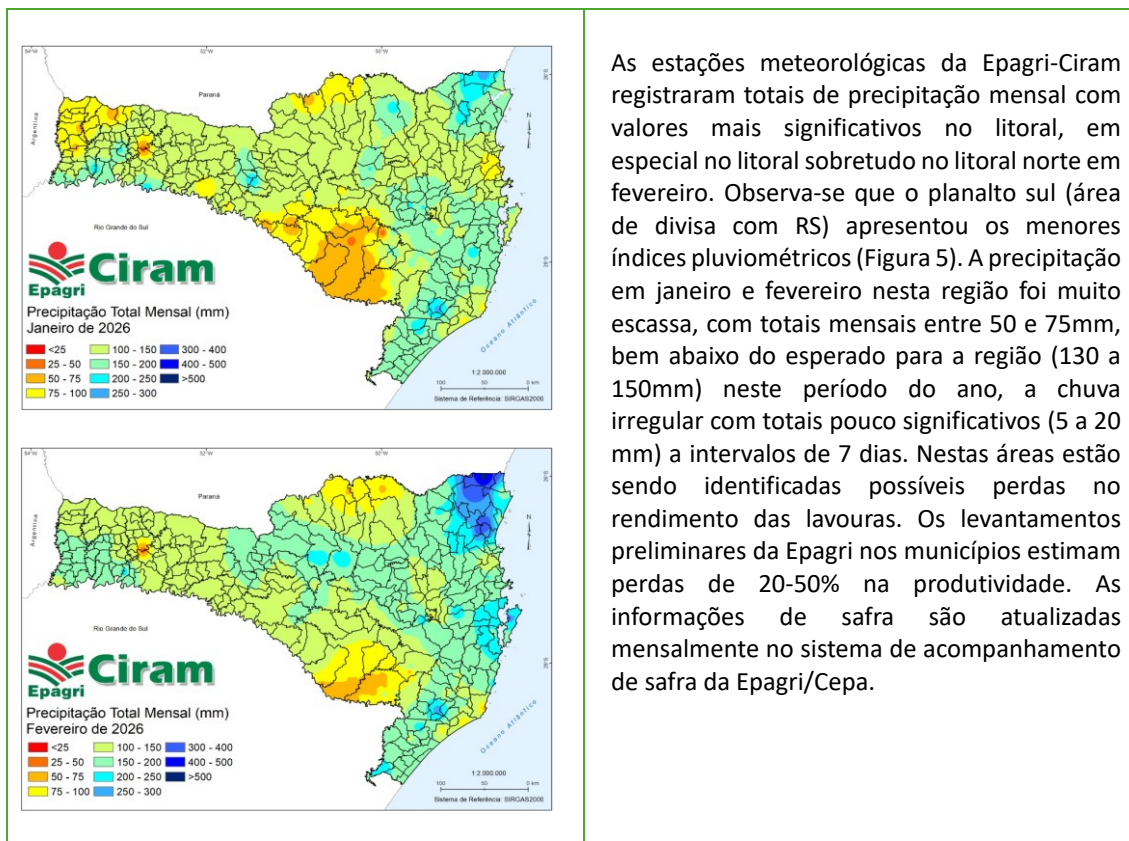


Figura 7. Soja – SC: precipitação mensal em janeiro e fevereiro em Santa Catarina

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Safra Nacional

A Conab³ estima em 48,4 milhões de hectares de área plantada na atual safra 2025/26, crescimento de 2,3%, sobre a safra anterior, com produção recorde prevista em 178 milhões de toneladas (Figura 8). A tecnologia aplicada e as condições climáticas no período favoreceram o desenvolvimento das lavouras. No sul do Brasil, apesar do calor e da irregularidade das chuvas em janeiro, a cultura ainda sustenta um perfil fitossanitário majoritariamente positivo e com boas perspectivas de produtividade.

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
48.434,4 mil ha	3.675 kg/ha	177.985 mil t
+2,3%	+1,5%	+3,8%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

Figura 8. Soja – Brasil: área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras

³ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, n° 5 – Quinto levantamento | fevereiro 2026.



Grãos



Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Com o mercado interno travado, o ritmo da comercialização da safra 2025 (2025/26) é lento. A indústria moageira possui estoques confortáveis e está muito seletiva, buscando apenas grãos de alta qualidade. O trigo de qualidade inferior está sendo desviado para o setor de ração animal, competindo com o milho. Em Santa Catarina, o preço médio recebido pelos produtores também segue em queda. Na variação mensal, redução de 0,05%, fechando o mês em R\$60,83 sc/60kg. Na variação anual, queda de 17,27%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação negativa de 0,99%. No Paraná, no mercado-balcão, variação mensal negativa de 2,19%.

Tabela 1. Trigo (Pão, PH 78, tipo 1) – Comparativo de preços pagos ao produtor (R\$/sc 60kg)

Estado	Jan./2026	Fev./2026	Variação mensal (%)	Fev./2025	Variação anual (%)
Santa Catarina	60,80	60,83	0,05	73,53	-17,27
Goiás	78,00	78,00	0,00	96,00	-18,75
Minas Gerais	82,05	71,93	-12,33	100,05	-28,11
Mato Grosso do Sul	60,50	60,50	0,00	71,00	-14,79
Rio Grande do Sul	54,55	55,09	0,99	67,15	-17,96
Paraná	62,91	61,53	-2,19	73,31	-16,07

Erro! Vínculo não válido. Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MG, MS, RS), Deral (PR), dezembro/2025

No mês de fevereiro, as projeções do Relatório Mundial de Estimativas de Oferta e Demanda Agrícola (WASDE) do Departamento de Agricultura do Estados Unidos (USDA) para a safra mundial do trigo (2025/26), apontam para um cenário de oferta restrita e demanda aquecida, resultando em estoques menores e maior fluxo comercial. A oferta total está estimada em 1.101,6 milhões de toneladas. Embora a Argentina tenha registrado produção recorde de 27,8 milhões de toneladas, as quebras de safra na Turquia e Mongólia anularam esse ganho. Pelo lado do consumo, houve um leve aumento para 824,1 milhões de toneladas. O crescimento do uso industrial e alimentar superou a queda no uso para ração animal (especialmente no Canadá e Turquia). Em relação ao comércio mundial, elevação para 222 milhões de toneladas. O destaque é a Argentina, com exportações recordes de 18 milhões de toneladas, impulsionadas por preços competitivos e fortes embarques no início do ano. A entidade avalia que os estoques finais estão em 277,5 milhões de toneladas. Esse volume representa o maior patamar em cinco anos, com estoques robustos entre os principais exportadores.

Conflito no Oriente Médio

O acirramento dos conflitos no Oriente Médio atinge o agronegócio brasileiro em dois pilares críticos: fertilizantes e logística. A região detém 30% do mercado global de adubos e fornece 35% da ureia utilizada no Brasil. Com a alta de 33% no preço do gás natural (matéria-prima essencial), o custo dos nitrogenados disparou. Somado a isso, o fechamento parcial do Estreito de Ormuz encarece fretes e seguros marítimos.



Essa pressão sobre os insumos gera um efeito cascata: o encarecimento no custo de produção de grãos como milho, soja e trigo tende a elevar o preço das proteínas animais a longo prazo. O cenário atual reforça a vulnerabilidade externa do país que, segundo a ANDA, importou 85,7% dos fertilizantes consumidos em 2025. Adicionalmente, a valorização do petróleo e a volatilidade cambial aumentam os custos operacionais "dentro e fora da porteira", dificultando o planejamento do setor. Assim, o setor deve ficar atento aos seguintes aspectos:

- Dependência Externa: O Brasil importa quase 86% dos fertilizantes que utiliza; o Oriente Médio supre 35% da nossa demanda de ureia.
- Inflação de Custos: A alta do gás natural elevou o preço da ureia em 33%, enquanto o petróleo caro impacta combustíveis e logística.
- Gargalo Logístico: Conflitos no Estreito de Ormuz aumentam gastos com fretes e seguros.
- Efeito na Mesa: Custos maiores na produção de grãos acabam encarecendo carnes, ovos e leite (proteína animal).
- Incerteza Econômica: A instabilidade geopolítica gera oscilações no câmbio e nos contratos futuros, prejudicando o planejamento agrícola.

Safra Brasileira

Após uma safra 2025 de alta produtividade (3.219kg/ha), a expectativa para 2026 (com semeadura iniciando em abril) é de retração. O setor enfrenta um cenário de cautela devido a fatores climáticos e preços que não incentivam a expansão. As projeções da Conab apontam para uma área plantada de 2.318,3 mil hectares, redução de 5,2% em relação a 2025. A produtividade deverá ficar em torno de 2.978kg/ha, diminuição de 7,5%. Com isso, a entidade avalia que a produção total deverá chegar a 6,9 milhões de toneladas, redução de 12,3% em relação à safra passada.

Os fatores fundamentalistas para essa redução residem nos seguintes aspectos: a) cenário internacional de oferta recorde, com destaque para a Argentina, que com redução de impostos de exportação, prevê vender 16 milhões de toneladas, o que aumenta a pressão competitiva sobre o trigo brasileiro; b) preços, embora o câmbio ajude a segurar os preços internos, a paridade de importação permanece alta para trigos nobres. Importante salientar que a redução na produção nacional reflete tanto a base de comparação elevada da safra passada, quanto um desestímulo econômico no curto prazo para a safra 2026.

Safra Catarinense

Para a safra 2025 (2025/26), a área plantada de trigo para Santa Catarina sofreu uma redução de 14,93%, passando de 123,0 mil hectares, para 104,7 mil hectares. Por outro lado, a produtividade cresceu, condições climáticas favoráveis na maior parte do ciclo da cultura favoreceram o bom desempenho da cultura. Nossas estimativas apontam para um crescimento de 4,53%, chegando a 3.673kg/ha. Com isso, estima-se que tenhamos colhido cerca de 384,4 mil toneladas, volume que representa uma redução de 11,08%. Em relação a representatividade das regiões produtoras, a microrregião de Chapecó foi a que mais contribui, sendo responsável por 20,44% da produção total, seguida pelas microrregiões de Curitibaanos, Xanxerê e Canoinhas, com 18,75%, 18,70% e 15,15%, respectivamente.

Para a próxima safra, diante do ritmo lento no mercado interno, e das projeções de uma safra menor para 2026, o setor mantém o foco no clima e nas condições de comercialização da produção remanescente. A tendência é de cautela nas negociações, com produtores e indústrias priorizando preços que garantam a viabilidade diante de margens apertadas.



Tabela 2. Trigo – Comparativo de safras

Microrregião	Safrá 2024/25			Estimativa Safrá 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	550	3.073	1.690	567	3.098	1.756	0,46	3,09	0,8	3,93
Campos de Lages	4.220	3.495	14.749	3.780	3.459	13.074	3,4	-10,43	-1,04	-11,36
Canoinhas	17.100	3.491	59.690	16.700	3.488	58.245	15,15	-2,34	-0,09	-2,42
Chapecó	30.190	3.411	102.984	22.208	3.538	78.562	20,44	-26,44	3,71	-23,71
Concórdia	3.020	3.410	10.299	2.310	4.061	9.382	2,44	-23,51	19,1	-8,9
Criciúma	409	3.154	1.290	419	3.157	1.323	0,34	2,44	0,1	2,54
Curitibanos	18.800	4.015	75.482	15.750	4.577	72.083	18,75	-16,22	13,99	-4,5
Ituporanga	1.190	2.161	2.571	1.190	2.399	2.855	0,74	0	11,02	11,05
Joaçaba	9.150	3.306	30.246	7.540	3.875	29.216	7,6	-17,6	17,21	-3,41
Rio do Sul	1.328	1.905	2.530	1.128	2.469	2.785	0,72	-15,06	29,59	10,07
São Bento do Sul	700	3.343	2.340	700	3.343	2.340	0,61	0	0	0
São M. do Oeste	11.756	3.388	39.828	11.120	3.552	39.504	10,28	-5,41	4,85	-0,81
Tabuleiro	57	3.100	177	57	3.100	176,7	0,05	0	0	-0,17
Tubarão	396	3.010	1.192	401	3.008	1.206	0,31	1,26	-0,05	1,21
Xanxerê	24.150	3.611	87.210	20.780	3.459	71.884	18,7	-13,95	-4,2	-17,57
Santa Catarina	123.016	3.514	432.279	104.650	3.673	384.392	100	-14,93	4,53	-11,08

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026



Hortalças

Alho.....33

Cebola37

Hortaliças



Alho

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

O alho catarinense permanece sendo comercializado, porém em quantidades pequenas, pois continuam sendo poucas e desvantajosas as oportunidades de comercialização estando o preço abaixo do necessário para cobrir os custos. A maior parte da safra catarinense segue armazenada e com boa qualidade. Os relatos de informantes são de que, até o presente momento, foram comercializados, aproximadamente, 20% da safra catarinense.

Na figura que vem na sequência consta o preço médio da caixa de 10 quilos para um período de dois anos. As lacunas na linha do gráfico indicam os momentos em que não houve comercialização do alho pelo produtor. Em fevereiro o preço foi cotado a R\$7,75 o quilo, valor que é 12% inferior ao preço praticado em janeiro, quando estava em R\$8,80, e 53% inferior ao preço praticado em fevereiro de 2025, quando estava sendo adquirido a R\$16,50.

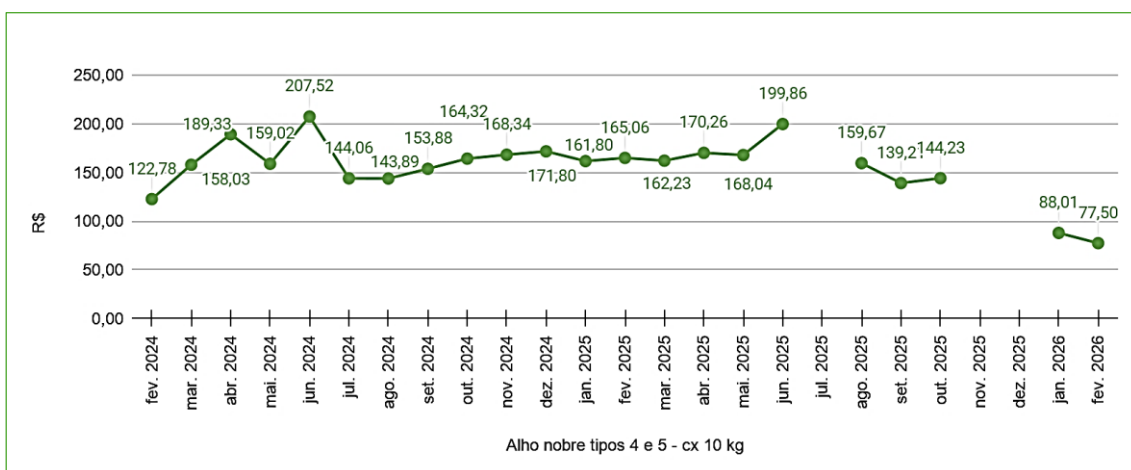


Figura 1. Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (fev./2024 a fev./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

A redução no preço do alho no mês de fevereiro aumentou a diferença entre o custo de produção por hectare e o valor bruto recebido pela venda do produto. No mercado atacadista, da mesma forma que o registrado para o preço ao produtor, houve queda nos preços para o mês de fevereiro. O gráfico traz os preços da caixa de 10 quilos de alho nobre, tipos 4 e 5. Conforme essa figura, o alho foi comercializado a um preço de R\$12,72 o quilo, que é 10% inferior ao preço de janeiro e 37% inferior ao preço registrado há exatamente um ano atrás. No mês passado e no mesmo mês do ano passado, o alho foi comercializado a R\$14,13 e R\$20,34, respectivamente.

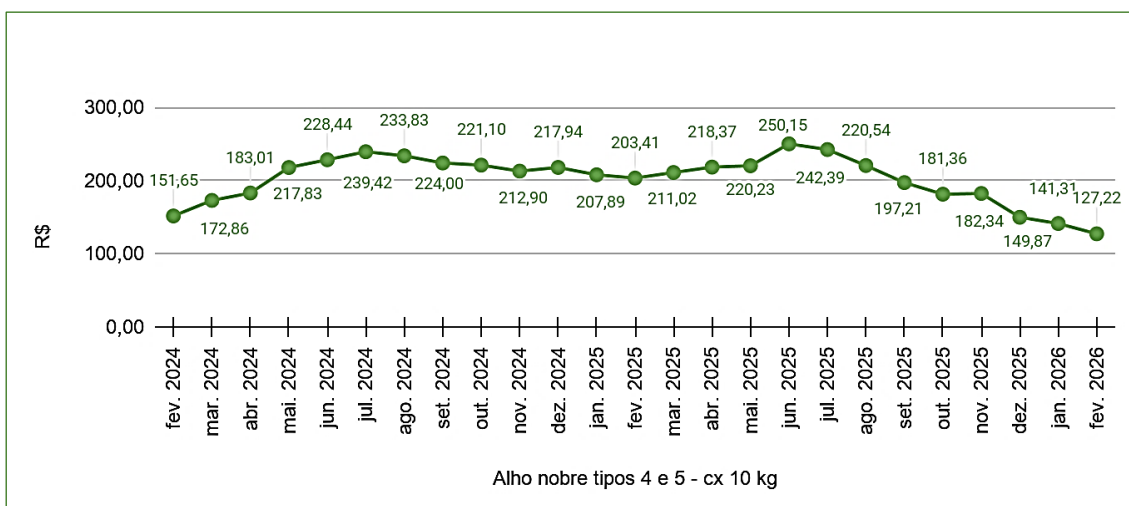


Figura 2. Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado – (fev./2024 a fev./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, março de 2026

Assim como o preço ao produtor, o preço no atacado para o mês de fevereiro de 2026 é o mais baixo da série histórica que compõe o gráfico acima. Esses preços refletem um excesso de oferta no mercado interno. O alho que abastece o mercado interno é tanto produzido aqui como em outros países, como se verá na seção subsequente. Além de o mercado estar bem abastecido pelo alho, registra-se que o preço do bulbo importado está abaixo do custo de produção brasileiro. Essa situação restringe as possibilidades de aumento no preço do alho e segue represando o escoamento do alho produzido no Cerrado, cuja colheita finalizou meses antes do término da colheita do alho catarinense. Assim o alho catarinense compete não somente com o alho importado, mas com uma produção do Cerrado que ainda segue estocada.

Safra Catarinense

Durante o último mês o alho foi pouco comercializado pelos produtores. Grande quantidade do alho catarinense segue armazenado nos galpões. A qualidade do alho tem se mantido em níveis ótimos e alguns produtores usaram o antibrotante (*hidrazida malêica*) que retarda o surgimento do broto nos bulbilhos. O retardamento do aparecimento do broto permitirá um maior período de armazenamento. A depender das condições climáticas e da boa aplicação do antibrotante, o alho poderá ser armazenado até junho.

A safra fechou com números significativos em termos de volume produzido. As últimas consultas com os atores locais dos municípios indicam um volume médio produzido por hectare de 11.831 quilos. Esse volume está, aproximadamente, 962 quilos acima do registrado na safra passada. Na produção total do estado, a safra atual excedeu a safra anterior em 1.609 toneladas. Esse incremento é um resultado positivo do bom manejo dos canteiros e das condições climáticas registradas durante o ciclo produtivo. As variações em números percentuais e absolutos, para área, volume produzido total e média do volume produzido por hectare podem ser visualizados na tabela 1.



Tabela 1. Alho – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa Safra 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Campos de Lages	29	9.528	276	16	9.938	159	1,80	-44,83	4,30	-42,39
Curitibanos	321	10.942	3.512	405	11.894	4817	54,50	26,17	8,70	37,16
Joaçaba	309	11.133	3.440	326	11.847	3862	43,70	5,50	6,41	12,27
Total geral	659	10.969	7.229	747	11.831	8838	100,00	13,35	7,86	22,26

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Nesta safra, o principal município produtor é Fraiburgo que produziu em torno de 30% do produzido no estado. Na sequência aparece Frei Rogério e Curitibanos, com cerca de 25% e 22% do total produzido. Ou seja, esses três municípios produziram praticamente 6.801 toneladas (77%) da safra de 2025/26.

Importações

A importação de alho tem atrapalhado a comercialização da produção interna. Mesmo com quantidades expressivas de alho armazenadas nos galpões dos principais estados produtores, em fevereiro o país importou 17,7 mil toneladas. Esse volume comparado ao incorporado em meses anteriores apresenta incrementos. Com relação ao mês anterior houve uma expansão de 21% e com relação a fevereiro de 2025 o aumento foi de 29%.

Tabela 2. Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a fev./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	145,57
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,30	10,73	4,43	4,69	21,14	158,78
2026	13,76	17,74	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	31,50

Fonte: Comex Stat/MDIC, março/2026 (mil toneladas)

Essas importações têm atrapalhado o escoamento da produção nacional, como foi destacado no primeiro item deste capítulo. O ideal seria impor algum tipo de barreira alfandegária que dificultasse a entrada de alho estrangeiro no Brasil até que a produção nacional fosse, pelo menos em boa parte, comercializada. Em termos de custo da importação, que é mensurado em dólares americanos (*Free on Board* - FOB), foi despendido US\$20,83 milhões com a importação de alho em fevereiro, conforme tabela logo a seguir. Esse montante financeiro é 18% superior ao de janeiro e 1% menor do despendido em fevereiro de 2025, em valores nominais.



Tabela 3. Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a fev./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,10	24,33	18,14	16,10	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,50
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,10	211,42
2026	17,64	20,83	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	38,47

Fonte: Comex Stat/MDIC, março/2026. Valores nominais em milhões de dólares americanos

Assim, depreende-se que o preço pago pelo quilo do alho importado em fevereiro deste ano foi de US\$1,17, sendo inferior ao praticado em janeiro. Em janeiro, pagou-se, em média, US\$1,28 pelo quilo de alho importado, já em fevereiro de 2025 foram gastos US\$1,44 com cada quilo importado do produto. Desta forma, afere-se que o alho que tem ingressado no mercado interno chega, realmente, a um preço mais baixo do que o custo de produção do alho brasileiro. O principal país exportador de alho para o Brasil é a Argentina. Desse país advieram 96% do total importado. Os outros 4% são originários da China, do Egito e do Chile.

Hortaliças



Cebola

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

A despeito de o preço da cebola, em fevereiro, ser ainda mais baixo do que o registrado em janeiro, as cebolas seguem sendo comercializadas pelos agricultores e empresas beneficiadoras. Até o momento foram comercializadas, aproximadamente, 50% do total produzido em Santa Catarina. No mês de fevereiro a cebola foi comercializada pelo valor médio de R\$0,71 o quilo. Esse valor é 8% inferior ao registrado no mês passado, quando o preço da cebola estava em R\$0,77, e 37% abaixo do preço do mesmo mês do ano passado, quando estava em R\$1,13. Os preços em valores deflacionados para sacas de 20 quilos seguem na figura 1. Nessa figura, as descontinuidades na linha indicam os meses em que não houve comercialização pelo produtor.

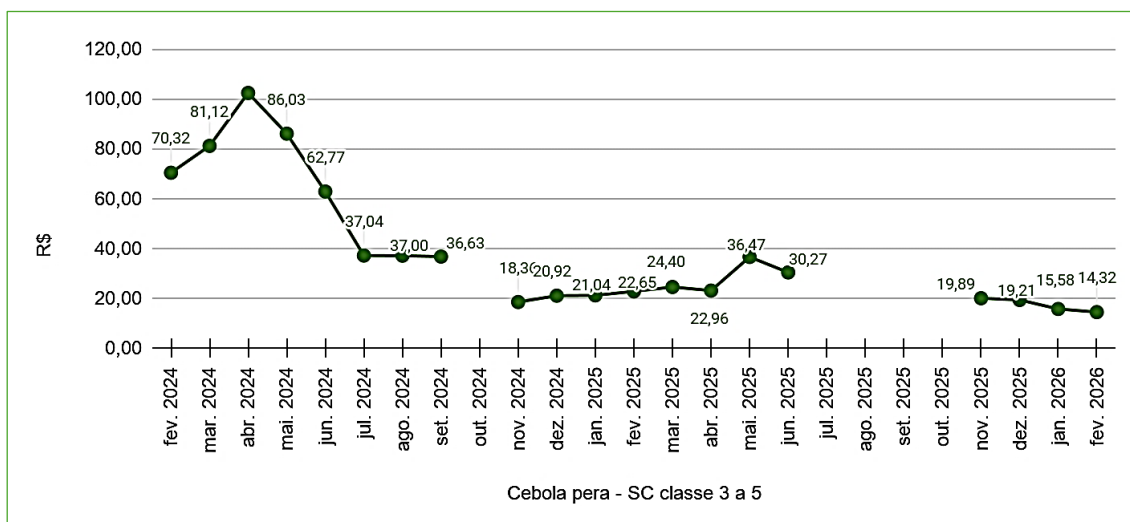


Figura 1. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (fev./2024 a fev./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

O preço ao produtor começou a reagir na última semana de fevereiro e na primeira semana de março houve um aumento significativo nas duas principais regiões produtoras, Alto Vale do Itajaí (microrregiões de Ituporanga e Tabuleiro) e Alto Vale do Rio do Peixe (microrregião de Joaçaba). Os preços apresentaram uma rápida elevação com o término da comercialização da cebola do Paraná e do Rio Grande do Sul, fato que coincidiu com a ocorrência de chuva no Nordeste. As chuvas no Nordeste dificultaram o escoamento da cebola nordestina, pois algumas vias ficaram interrompidas. Desta forma, a cebola catarinense passou a ser fortemente demandada para atender ao mercado interno.

Os agricultores que conseguiram armazenar sua safra, sem perda da qualidade do produto, poderão aproveitar esse momento mais oportuno, com melhor remuneração pelo produto. Embora ainda se verifique algum relato de ataque do fungo *aspergillus niger* provocando o



aparecimento do falso mofo-preto⁴, os produtores têm conseguido manter a qualidade do produto em patamares bons.

Na figura 2, consta o preço da cebola no atacado. Como foi registrado para o produtor, o preço no mercado atacadista apresentou o mesmo comportamento de decrescimento para o mês de fevereiro. Em fevereiro o preço médio da cebola no mercado atacadista foi de R\$1,71 o quilo, o que representa uma diminuição de 8% em relação a janeiro, quando a cebola foi cotada a R\$1,85. Já com relação ao mesmo mês do ano passado a diminuição é de 33%, já que naquele mês a cebola estava cotada a R\$2,53.

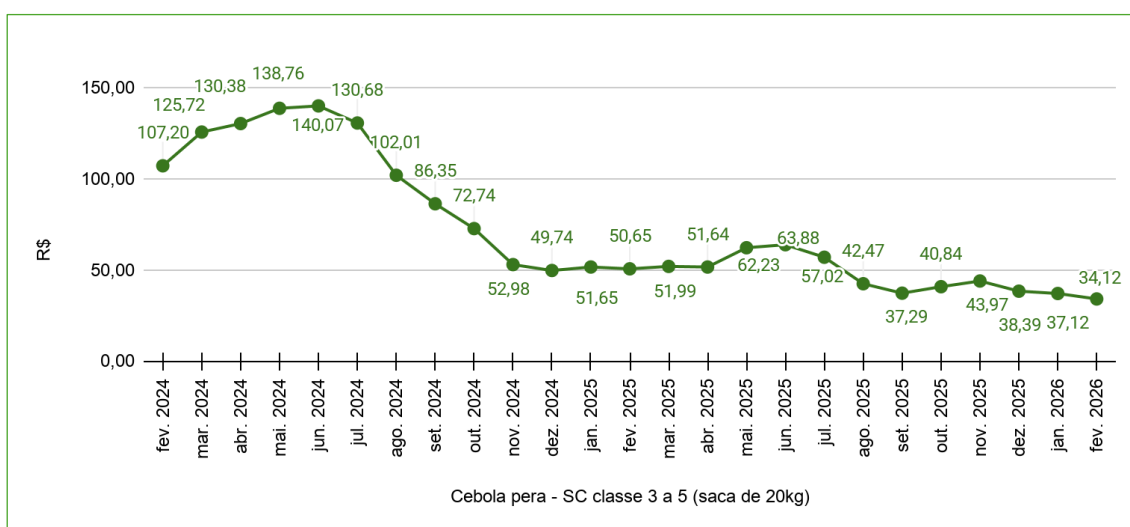


Figura 2. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (fev./2024 a fev./2026)

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Os preços baixos da cebola registrados entre janeiro e fevereiro, especialmente aqueles pagos ao produtor, conduziram à deflagração de situação de emergência econômica em pelo menos sete municípios do estado de Santa Catarina. Além de Ituporanga, que foi o primeiro município a deflagrar a emergência, também o fizeram: Atalanta, Alfredo Wagner, Chapadão do Lageado, Imbuia, Leoberto Leal e Lebon Régis.

Safra catarinense

A safra 2025/26 da cebola é de muito boa qualidade, como já havia sido apontado nas edições passadas do boletim. Na tabela 1 constam os dados de produção, produtividade e área cultivada, comparadas à safra passada. A safra atual é superior em, pelo menos, 45 toneladas. A produtividade média é superior em cerca de 2.632 quilos por hectare. Esses números foram registrados mesmo com uma redução da área cultivada.

⁴ No capítulo passado foi informado que o vírus do falso mofo-preto seria o urocystis cepulae, no entanto essa informação estava equivocada. O fungo que ataca as cebolas nos galpões durante o período de armazenamento provocando o aparecimento do falso mofo-preto é o aspergillus niger.



Tabela 1. Cebola – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Safr 2024/25			Estimativa Safr 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	3	20.000	60	0,01	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	1.178	25.907	30.519	1.215	26.016	31.609	5,25	3,14	0,42	3,57
Canoinhas	160	40.000	6.400	170	43.235	7.350	1,22	6,25	8,09	14,84
Curitibanos	230	41.130	9.460	312	42.035	13.115	2,18	35,65	2,20	38,64
Ituporanga	9.123	27.622	252.000	8.723	32.570	284.112	47,21	-4,38	17,91	12,74
Joaçaba	1.787	39.456	70.508	1.797	40.857	73.420	12,20	0,56	3,55	4,13
Rio do Sul	1.757	25.135	44.163	1.757	27.908	49.034	8,15	0,00	11,03	11,03
Tabuleiro	3.805	29.841	113.545	3.861	29.970	115.713	19,23	1,47	0,43	1,91
Tijucas	1.252	23.825	29.829	1.282	21.329	27.344	4,54	2,40	-10,48	-8,33
Santa Catarina	19.295	28.841	556.484	19.120	31.473	601.757	100,00	-0,91	9,13	8,14

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026

A principal região produtora do estado é a de Ituporanga, na qual foram produzidos 47% de toda a cebola produzida no estado. Nessa região o principal município produtor é Ituporanga, que é o município com a maior produção do estado. Na sequência aparece a região de Tabuleiro, com 19% do total produzido. Essa região se destaca porque nela está o município de Alfredo Wagner, que é o segundo maior produtor de cebola do estado. Na sequência consta a região de Joaçaba, cujo principal município produtor é Imbuia. Os dados definitivos da safra 2025/26 de cebola estão em fase de homologação e, no próximo boletim, serão publicados.

Importações

Em fevereiro houve a importação de aproximadamente, 417 toneladas de cebola pelo Brasil, conforme tabela 2. Esse volume importado indica aumento de 124% em relação a janeiro, e diminuição de 84% em relação a fevereiro de 2025. O volume importado em fevereiro é o menor registrado para esse mês desde 2020, quando foram importados o equivalente a 219 toneladas, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

Tabela 2. Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan./2024 a fev./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	257.430
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	137.835
2026	186	417	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	603

Fonte: Comex Stat/MDCS, março/2026 (tonelada)

O volume importado está em patamares mais baixos do que aqueles registrados nos últimos anos, porque o preço interno não está atrativo ao vendedor do produto externo, então os volumes incorporados ao mercado interno foram baixos. O custo desta importação foi de US\$116,1 mil, conforme tabela 3. Esse valor despendido é 17% inferior ao praticado no mês passado e 80% menor do que o de fevereiro de 2025.



Tabela 3. Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a fev./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	84.407
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	24.843
2026	139	116											255

Fonte: Comex Stat/MDIC, março/2026. Valores nominais em mil dólares americanos

Em fevereiro o preço médio praticado com a aquisição de cebolas foi de US\$0,28 o quilo. Já os preços de janeiro foram de US\$0,75 e em fevereiro de 2025 foram de US\$0,22. Os principais países exportadores foram o Chile, a Argentina e a Espanha. A maior parte da cebola importada veio do Chile, 68%, em seguida a Argentina aparece com 27% e, por último, a Espanha responsável por enviar ao Brasil o equivalente a 5% do total incorporado em fevereiro de 2026.



Pecuária

Avicultura	42
Bovinocultura	48
Suinocultura	52
Leite	59



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de março, os preços do frango vivo apresentaram variações distintas nos dois principais estados produtores. No Paraná, registrou-se queda de 3,6% na comparação entre o preço médio preliminar de março e o valor registrado no mês anterior. Em Santa Catarina, por outro lado, observou-se alta de 0,6% no mesmo período. Quando comparados os preços do mês corrente com os de março de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, também se verificam situações distintas nos dois estados: queda de 0,2% no Paraná e alta de 3,9% em Santa Catarina.

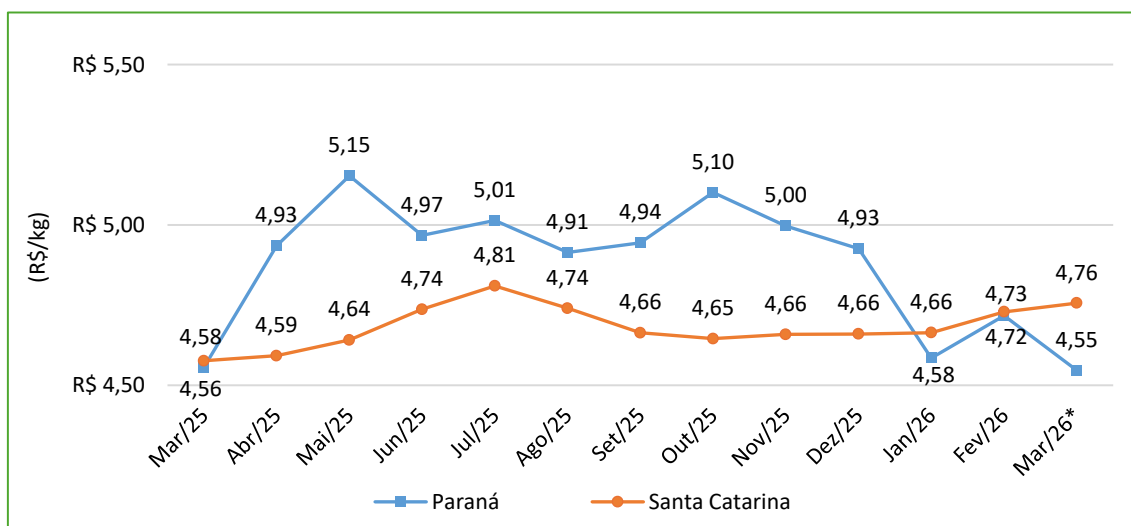


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores⁽¹⁾ (R\$/kg)

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

Os preços pagos aos avicultores catarinenses nas duas primeiras semanas de março também apresentaram comportamento distinto entre as principais regiões produtoras do estado: no Litoral Sul, registrou-se alta de 2,0%; no Oeste, queda de 0,3% e, no Meio Oeste, o preço manteve-se inalterado. Quando comparados os preços atuais com os de março de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, as diferenças entre as três regiões são ainda mais expressivas, embora todos registrem variações positivas: 9,8% no Meio Oeste, 1,2% no Oeste e 0,4% no Litoral Sul.

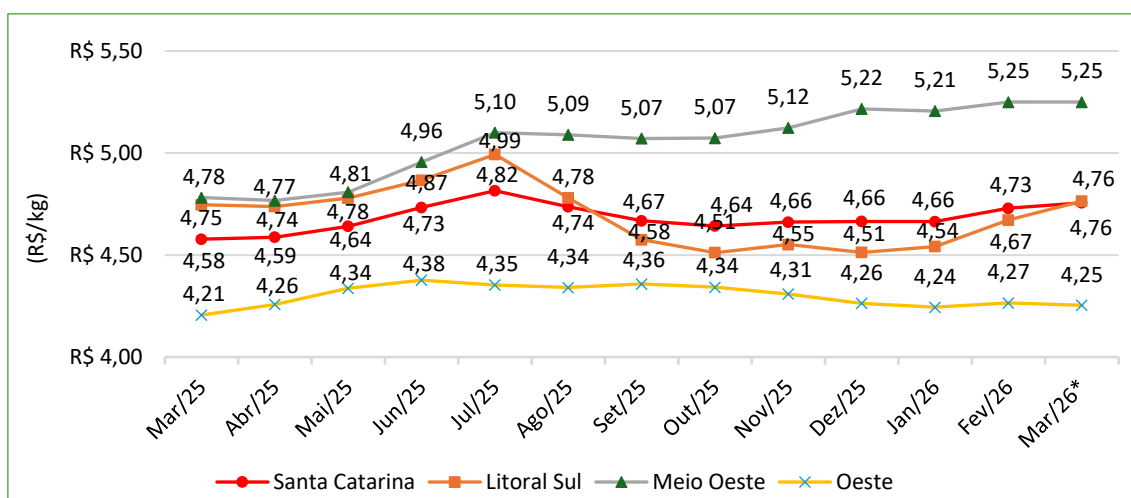


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)

(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

No mercado atacadista, por sua vez, novamente predominou o movimento de queda. Todos os quatro tipos de cortes cujos preços são levantados pela Epagri/Cepa apresentaram variação negativa entre fevereiro e março de 2026: peito com osso (-1,8%); filé de peito (-1,4%); frango inteiro (-0,7%) e coxa/sobrecoxa (-0,6%). A variação média dos quatro cortes foi de -1,1%. No ano, a carne de frango acumula queda de 4,3% no atacado.

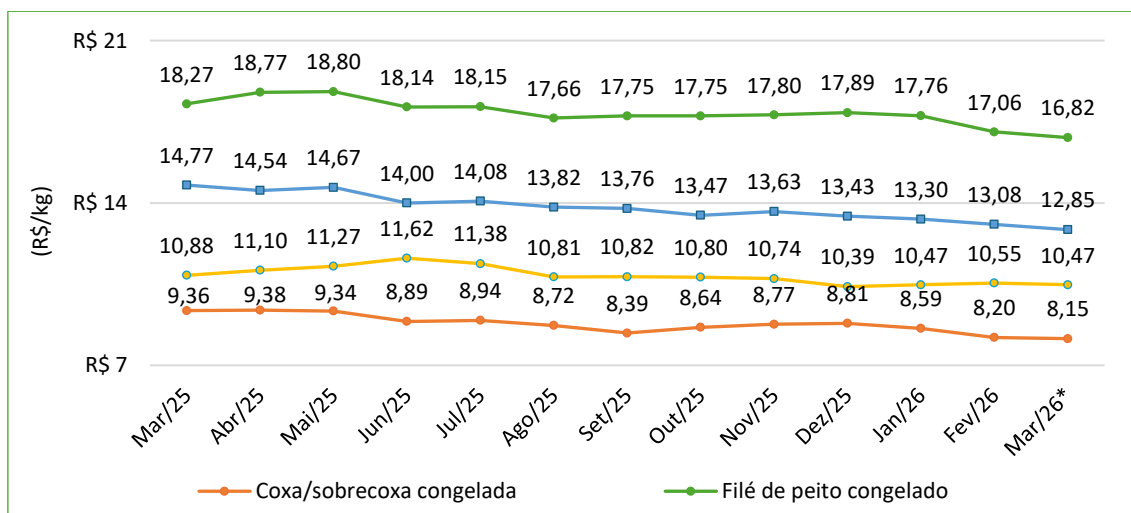


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa



Na comparação com março de 2025 – considerados os valores corrigidos pela inflação do período (IGP-DI) –, todos os cortes apresentaram variações negativas, algumas bastante expressivas: peito com osso (-10,9%); coxa/sobrecoxa (-10,8%); filé de peito (-5,7%) e frango inteiro (-1,4%). A variação média dos quatro cortes foi de -7,2%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em janeiro, o custo de produção de frangos em aviário climatizado de pressão positiva em Santa Catarina foi de R\$5,22/kg de peso vivo, o que representa uma alta de 3,0% em relação ao mês anterior. O valor atual está 4,8% acima do custo calculado para janeiro de 2025 (corrigido pelo IGP-DI). Até a data de finalização do presente boletim, a informação relativa a fevereiro ainda não havia sido divulgada.

A relação de troca insumo-produto registrou queda de 1,6% nas primeiras semanas de março em relação ao mês anterior. Esse resultado se deve tanto à queda de 1,0% no preço médio estadual⁵ do milho (atacado), quanto à alta de 0,6% no preço do frango vivo. Na comparação entre março de 2026 e o mesmo mês de 2025, a queda é ainda mais expressiva: -15,1%. Isso significa que atualmente os produtores precisam de 2,6kg a menos de frango vivo para comprar uma saca de milho.

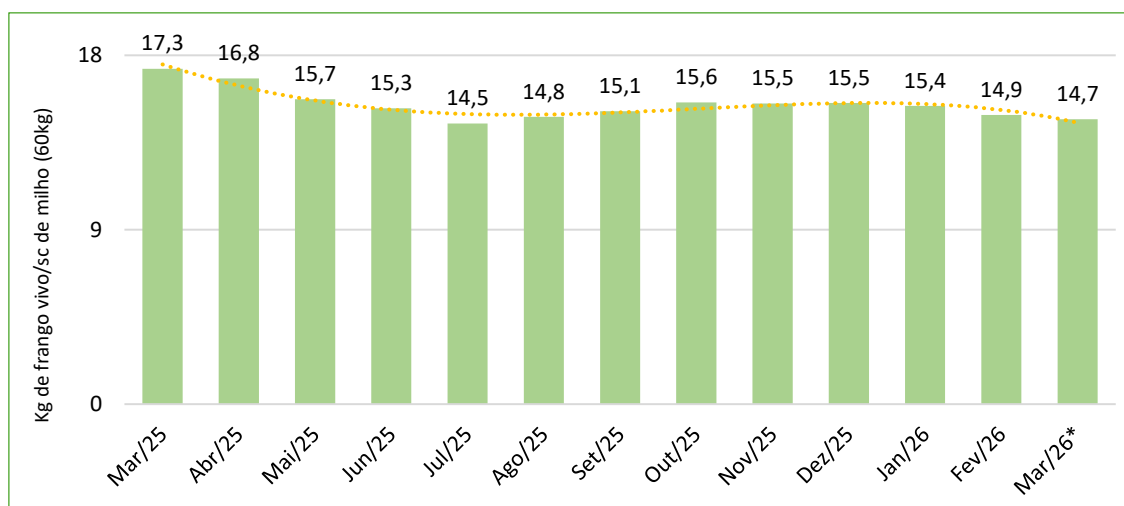


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

O Brasil exportou 482,4 mil toneladas de carne de frango em fevereiro de 2026, o que representou altas de 7,9% em relação a janeiro e de 5,8% na comparação com fevereiro de 2025.

⁵ A partir da edição passada do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado), ao invés da praça de referência Oeste.



As receitas totalizaram US\$930,3 milhões, crescimento de 8,5% frente ao mês anterior e de 9,2% em relação a fevereiro de 2025.

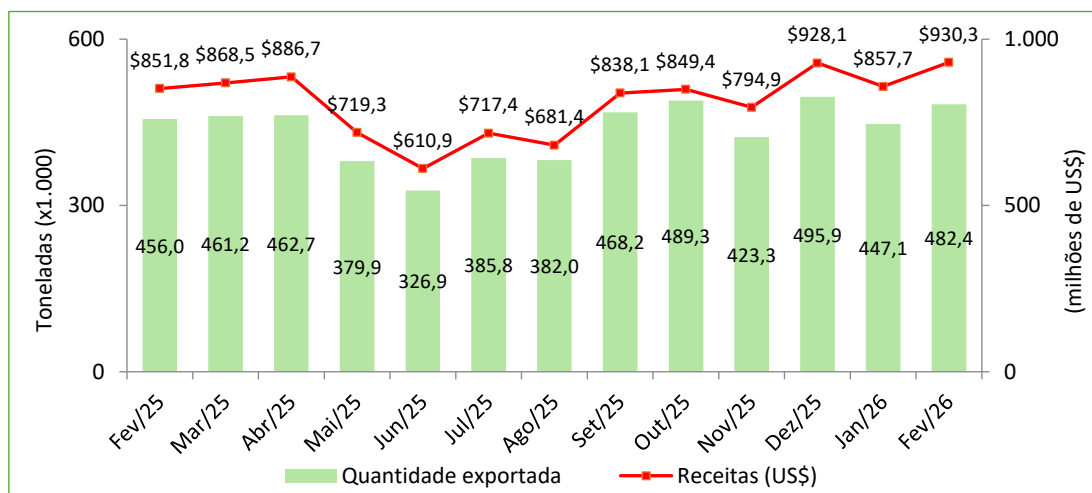


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

No 1º bimestre, o Brasil exportou 929,4 mil toneladas, com receitas de US\$1,79 bilhão, o que representa altas de 4,9% e 7,7%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado.

Os principais destinos da carne de frango brasileira no 1º bimestre foram China, Emirados Árabes Unidos, Japão, Arábia Saudita e Países Baixos, que concentraram 36,7% da quantidade e 46,5% das receitas totais do período.

Santa Catarina exportou **104,6 mil toneladas** de carne de frango em fevereiro, o que representa uma alta de 1,5% em relação a janeiro, mas uma queda de 1,8% na comparação com fevereiro de 2025. Em termos de receitas, os embarques totalizaram **US\$215,4 milhões**, uma queda de 4,8% frente a janeiro, porém um crescimento de 0,8% em relação a fevereiro do ano anterior.



Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat



No acumulado do 1º bimestre, o estado exportou **207,8 mil toneladas**, com receitas de **US\$441,6 milhões**, aumentos de 3,5% e 11,1%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Esses valores representam o melhor resultado da série histórica – iniciada em 1997 – em termos de receitas e o segundo melhor em volume.

Os principais destinos da carne de frango catarinense nos dois primeiros meses do ano foram Países Baixos (12,2% do total), Japão (9,9%), Arábia Saudita (9,7%) e China (9,3%). Em relação ao mês anterior, os embarques de fevereiro para os Países Baixos cresceram 48,7% em quantidade e 46,9% em receitas, o que demonstra a continuidade do processo de recuperação das exportações para a Europa, após vários meses de embargo no ano passado, devido à ocorrência de um foco de influenza aviária em uma granja comercial no Rio Grande do Sul. Vale lembrar que os Países Baixos são uma das principais "portas de entrada" dos produtos brasileiros na Europa.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em fevereiro foi de US\$2.058,88 por tonelada – pequena queda de 0,1% ante janeiro, mas alta de 3,3% na comparação com fevereiro de 2025.

A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango nos dois primeiros meses deste ano.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º bimestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos (Holanda)	53.711.421,00	12,2	14.627	7,0
Japão	43.519.826,00	9,9	18.469	8,9
Arábia Saudita	42.716.433,00	9,7	19.760	9,5
China	42.400.086,00	9,6	18.544	8,9
Emirados Árabes Unidos	31.491.007,00	7,1	15.145	7,3
Demais países	227.753.480,00	51,6	121.207	58,3
Total	441.592.253,00	100	207.753	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina foi responsável por 24,7% da receita e 22,4% do volume exportado de carne de frango pelo Brasil no 1º bimestre deste ano.

Esse desempenho positivo observado até o momento pode ser ameaçado no curto e médio prazo pela escalada do conflito bélico envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã. O Oriente Médio é um destino crucial para a avicultura nacional, sendo responsável por 32,2% das receitas brasileiras com os embarques de carne de frango no ano de 2025. Os principais riscos imediatos são uma queda na demanda e um severo impacto logístico. O fechamento ou a instabilidade em rotas marítimas vitais, como o Estreito de Ormuz, por onde passava grande parte das cargas de frango brasileiro, deve forçar desvios de rotas, alongamento dos prazos de entrega e elevação dos custos de frete e seguro. Segundo relatos de exportadores, diversos armadores já aplicam "sobretaxas de risco de guerra" que podem chegar a US\$4.000,00 por contêiner refrigerado, um custo extra que, somado a multas por atraso, pode comprimir drasticamente as margens dos exportadores ou até mesmo inviabilizar algumas operações.

Em razão dos potenciais impactos do conflito no Oriente Médio, o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) autorizou a adoção de medidas emergenciais e temporárias na exportação de produtos de origem animal, dentre as quais estão incluídas a extensão de validade dos certificados sanitários, a flexibilização para realocação interna de cargas que deixaram de ser embarcadas, a possibilidade de alteração documental para redirecionamento de exportações e



permissão para armazenamento em contêineres refrigerados. O objetivo, informou o órgão, é minimizar os efeitos sobre o trânsito das cargas.

Em relação a Santa Catarina, o Oriente Médio foi o destino de 300,2 mil toneladas de carne de frango em 2025, com receitas de US\$654,3 milhões, o que representa 25,0% e 26,7%, respectivamente, do total exportado pelo estado. A Arábia Saudita foi o principal destino do frango catarinense em 2025 (11,9% das receitas), com destaque também para os Emirados Árabes Unidos, que ocuparam a 4ª posição no ranking do ano passado (7,9% das receitas). Além dos problemas logísticos e da elevação de custos mencionada anteriormente, qualquer desaceleração nas compras desses e de outros parceiros comerciais localizados na mesma região pode interromper o ritmo de crescimento visto no 1º bimestre.

Além do desafio logístico, o setor avícola catarinense pode sofrer um "efeito cascata" nos custos de produção. O conflito pressiona os preços do petróleo e, consequentemente, do diesel, essencial para o transporte interno, e ameaça o fornecimento de fertilizantes nitrogenados, como a ureia, amplamente importados da região do Golfo Pérsico e utilizados nas lavouras de milho que compõem a ração animal. Esse aumento no custo de produção, combinado com as despesas logísticas extras, coloca a competitividade e a rentabilidade da avicultura catarinense em uma posição de alerta. Contudo, a dimensão dos potenciais impactos do conflito em curso no Oriente Médio dependerá, dentre outras coisas, da duração e amplitude do mesmo.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, Santa Catarina produziu **68,3 milhões de frangos** em fevereiro⁶ – uma queda de 3,1% em relação a fevereiro de 2025. No acumulado do 1º bimestre, a produção do estado atingiu 147,2 milhões de cabeças⁷ – queda de 2,0% em relação ao mesmo período do ano anterior.

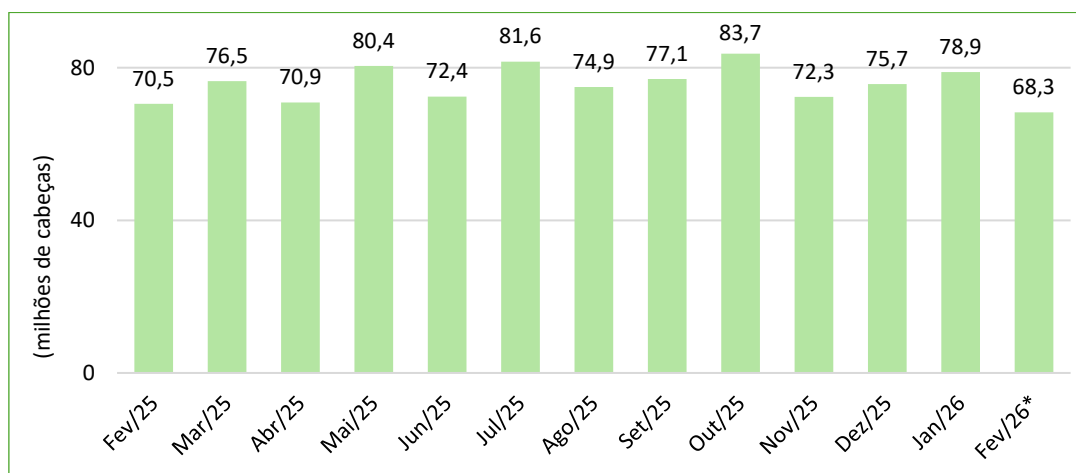


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção anual

Fonte: Cidasc

⁶ Os dados referentes a fevereiro são preliminares, passíveis de atualização na próxima edição do Boletim Agropecuário.

⁷ Desse volume total, 96,8% dos frangos foram abatidos em território catarinense, enquanto o restante foi abatido em outros estados.



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de março, os preços do boi gordo subiram em todos os principais estados produtores: 5,5% em Mato Grosso; 4,6% em Mato Grosso do Sul; 4,2% em Minas Gerais; 3,8% no Paraná; 3,5% em Goiás; 3,3% em São Paulo; 2,2% em Santa Catarina e 1,7% no Rio Grande do Sul. Além da mudança no ciclo pecuário, atualmente em curso, um dos elementos que mais têm contribuído nesse processo de alta é o forte ritmo das exportações, como bem evidenciam as variações mais expressivas nos estados que possuem maior inserção no mercado internacional.

Quando se comparam os preços de março deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se que todos os estados analisados registraram altas expressivas no período: 16,1% em Minas Gerais; 13,7% no Paraná; 12,5% em Mato Grosso do Sul; 12,3% em Goiás; 12,1% em São Paulo; 11,1% em Mato Grosso; 8,2% em Santa Catarina e 4,0% no Rio Grande do Sul.

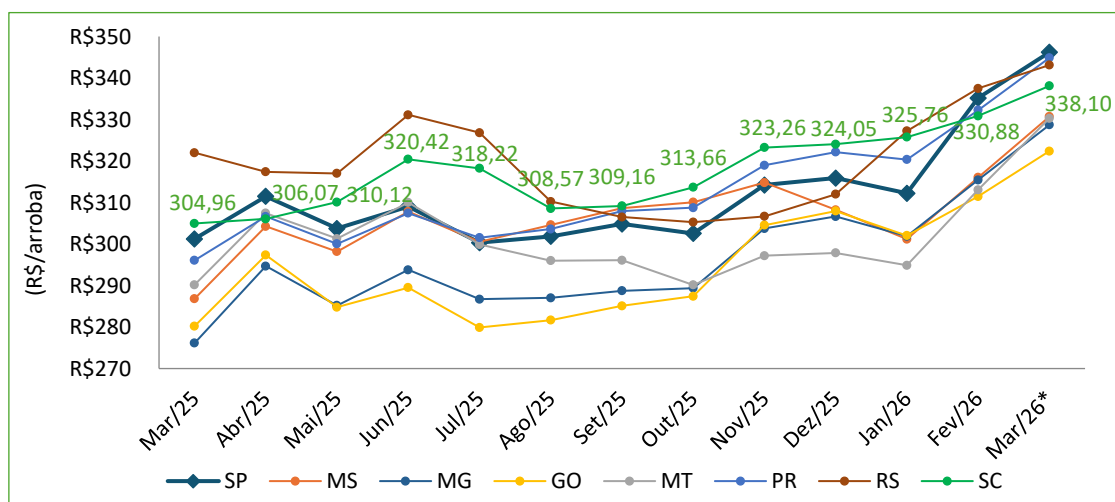


Figura 1. Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

Das dez regiões de Santa Catarina monitoradas pela Epagri/Cepa para o preço do boi gordo, oito apresentaram variações positivas na comparação entre os valores recebidos pelos produtores em março e os do mês anterior, com destaque para o Litoral Sul, onde a alta foi de 4,0% nas primeiras semanas deste mês. Quando se comparam os valores de março com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, nove regiões apresentaram variações positivas, com destaque para o Planalto Sul e o Alto Vale do Itajaí, onde as altas foram de 23,0% e 14,4%, respectivamente. A única região que apresentou variação negativa foi o Meio Oeste, com -1,4%.



No atacado, todos os cortes apresentaram variações positivas nas duas primeiras semanas de março frente ao mês anterior, embora com índices pouco expressivos: 0,4% para a carne de dianteiro e 0,1% para a carne de traseiro. A variação média do período foi de 0,3%.

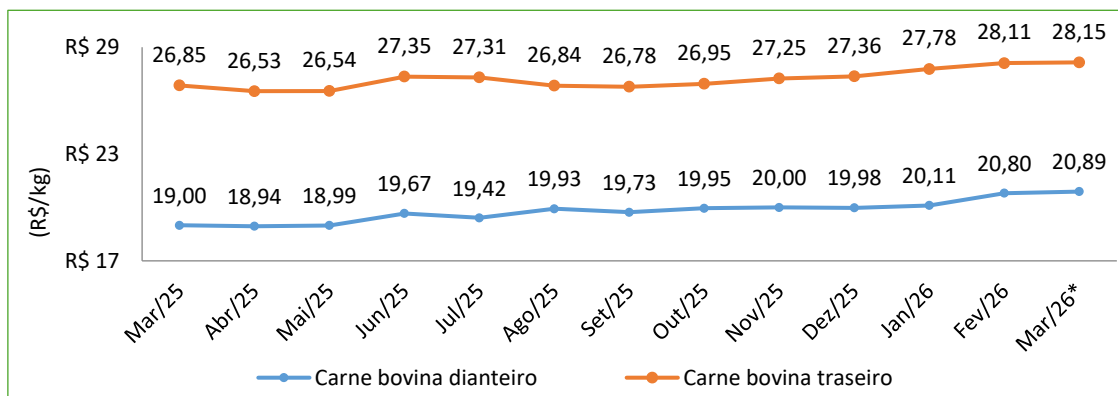


Figura 2. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

Quando comparados os preços das primeiras semanas do mês corrente com as médias de março de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, verificam-se variações positivas mais expressivas em todos os casos: 10,0% para a carne de dianteiro e 4,8% para a carne de traseiro, com média de 7,4%.

Custos

Os preços das duas categorias de animais de reposição apresentaram altas nas duas primeiras semanas de março, em relação à média do mês anterior. O preço dos bezerros de corte com até 1 ano subiu 2,0%, enquanto os novilhos de corte de 1 a 2 anos apresentaram alta de 0,1%.

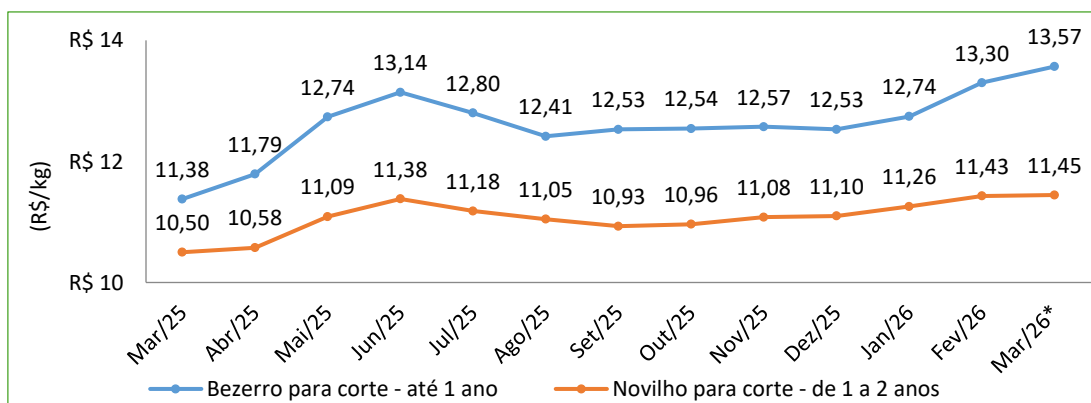


Figura 3. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

Quando comparados os preços do mês atual com os de março de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas relevantes nos dois casos: 19,2% para os bezerros com até 1 ano e 9,0% para os novilhos de 1 a 2 anos.



Comércio exterior

O Brasil exportou **262,1 mil toneladas** de carne bovina em fevereiro, volume 1,2% superior ao de janeiro e 20,8% maior do que o de fevereiro de 2025. As receitas atingiram o montante de **US\$1,43 bilhão**, crescimento de 2,8% frente ao mês anterior e de 37,9% em relação ao mesmo mês de 2025. Esses são os melhores resultados para o mês de fevereiro desde o início da série histórica, em 1997.

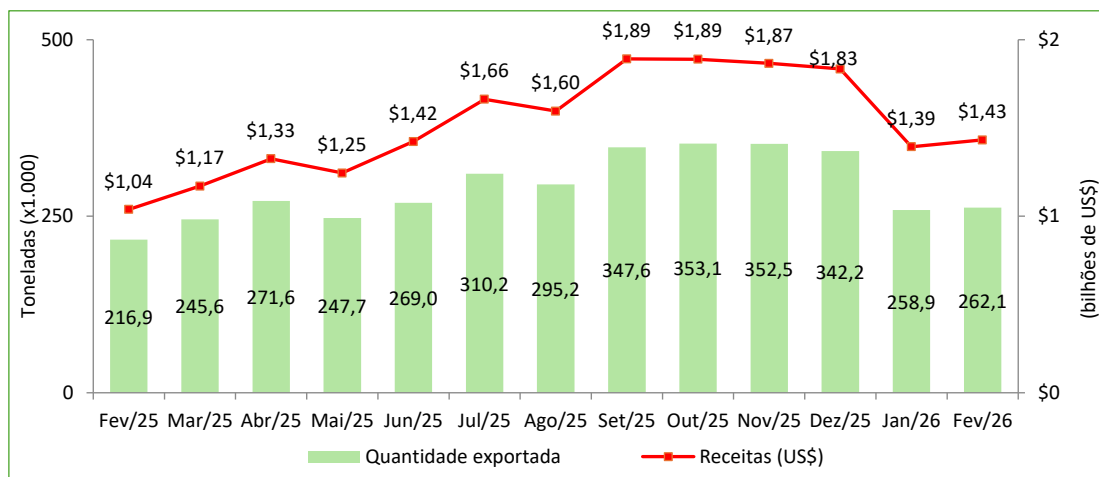


Figura 4. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US\$5.640,85** por tonelada – alta de 1,2% ante janeiro e de 14,5% em relação a fevereiro de 2025.

No acumulado do 1º bimestre, o Brasil exportou 521,0 mil toneladas, com receitas de US\$2,83 bilhões, altas de 23,0% e 38,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses são os melhores resultados para o 1º bimestre do ano desde o início da série histórica.

O principal destino da carne bovina brasileira exportada nos dois primeiros meses do ano foi a China, responsável por 43,2% das receitas geradas por esse produto. É relevante destacar que outros destinos também registraram resultados bastante positivos, como é o caso dos Estados Unidos, segundo principal destino (15,7% do total), que tiveram crescimento de 51,0% em volume e de 74,8% em receitas, na comparação com o 1º bimestre do ano anterior.

Com a decisão, em fins de fevereiro, da Suprema Corte dos Estados Unidos da América em relação ao tarifaço que havia sido imposto pelo presidente Donald Trump em meados do ano passado, espera-se que as exportações de carne bovina do Brasil sejam favorecidas, o que deve minimizar o impacto do estabelecimento de cotas de importação por parte da China, o principal parceiro comercial do Brasil nesse setor.

Por outro lado, a recente deflagração do conflito bélico envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã pode prejudicar o desempenho das exportações brasileiras em certa medida. O Oriente Médio foi o destino de 223,9 mil toneladas de carne bovina brasileira em 2025, o que corresponde a 6,5% do total de embarques. Os principais riscos imediatos são uma queda na demanda e um severo impacto logístico. O fechamento ou a instabilidade em rotas marítimas vitais, como o Estreito de Ormuz, por onde passava grande parte das cargas destinadas àquela região, deverá forçar o desvio de rotas, alongamento dos prazos de entrega e elevação dos custos de frete e



seguro. Segundo relatos de exportadores, diversos armadores já aplicam "sobretaxas de risco de guerra" que podem chegar a US\$4.000,00 por contêiner refrigerado, um custo extra que, somado a multas por atraso, pode comprimir drasticamente as margens dos exportadores ou até mesmo inviabilizar algumas operações.

Além do desafio logístico, o setor pode sofrer com a elevação dos custos de produção. O conflito pressiona os preços do petróleo e, consequentemente, do diesel, essencial para o transporte interno, e ameaça o fornecimento de fertilizantes nitrogenados, como a ureia, amplamente importados da região do Golfo Pérsico e utilizados nas lavouras de milho que compõem parte da ração animal. Contudo, a dimensão dos potenciais impactos do conflito em curso no Oriente Médio dependerá, dentre outras coisas, da duração e amplitude do mesmo.

Santa Catarina exportou 408,1 toneladas de carne bovina em fevereiro, com faturamento de US\$1,94 milhão, o que representou um crescimento de 80,8% em volume e de 111,6% em valor, na comparação com fevereiro de 2025.

No acumulado do 1º bimestre, o estado já exportou 766,3 toneladas, com receitas de US\$3,47 milhões, altas de 111,2% e 130,0%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em fevereiro de 2026⁸ foram produzidas e destinadas ao abate 55,3 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, montante **0,5% superior** ao registrado no mesmo mês de 2025.

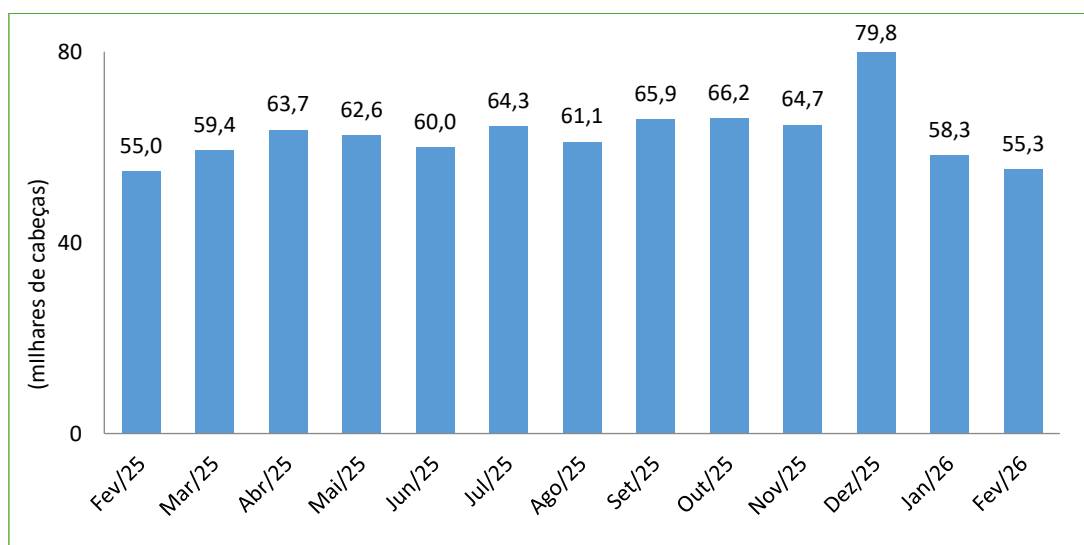


Figura 5. Bovinos – Santa Catarina: produção mensal (abates inspecionados)

Fonte: Cidasc

No total do 1º bimestre, foram abatidos **113,7 mil cabeças**, queda de 0,1% em relação ao mesmo período de 2025. A participação de fêmeas no total dos abates se mantém elevada: 54,3% do total do período, o que demonstra que o processo de redução do rebanho segue em curso, embora tenha desacelerado levemente em relação à média do ano anterior, que atingiu 55,5%.

⁸ Os dados referentes a fevereiro de 2026 são preliminares, passíveis de atualização ao longo do corrente mês.



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois das fortes quedas em janeiro e fevereiro, nas duas primeiras semanas de março os preços

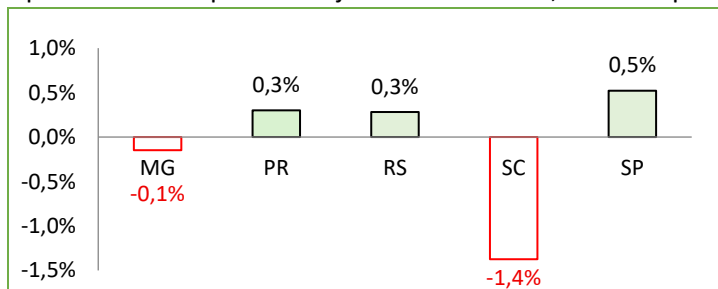


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (fev.-mar./2026⁽¹⁾)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

⁽¹⁾ Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

do suíno vivo apresentaram relativa estabilidade nos principais estados produtores, como mostra a Figura 1. Na maioria dos estados, observou-se variação positiva, mas em dois o resultado de março ainda está abaixo do mês anterior: Santa Catarina (-1,4%) e Minas Gerais (-0,1%).

A retomada das altas na maioria dos estados é decorrente, principalmente, do aumento na demanda do mercado interno.

Por outro lado, as incertezas geopolíticas geram especulações no mercado e desestimulam ajustes mais expressivos nos preços do suíno vivo e da carne suína, o que ajuda a explicar o cenário mencionado.

Quando se comparam os valores preliminares de março deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas expressivas em todos os cinco estados analisados: -17,3% em Minas Gerais; -16,6% em São Paulo; -15,7% no Paraná; -14,9% no Rio Grande do Sul e -6,0% em Santa Catarina.

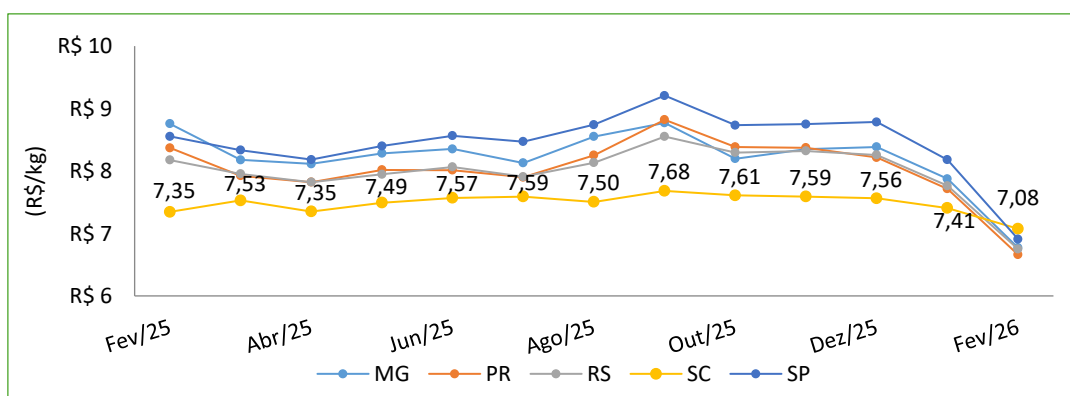


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Ao analisar os preços estaduais, levando em consideração o tipo de vínculo com a agroindústria, observa-se que tanto os preços pagos aos produtores independentes quanto aos integrados



apresentaram quedas nas primeiras semanas de março em relação ao mês anterior: -1,7% e -1,1%, respectivamente. Contudo, ao analisar fevereiro, verifica-se uma situação bem diferente: enquanto os produtores integrados tiveram alta de 1,4% em relação a janeiro, os produtores independentes registraram queda de 11,3% no mesmo período.

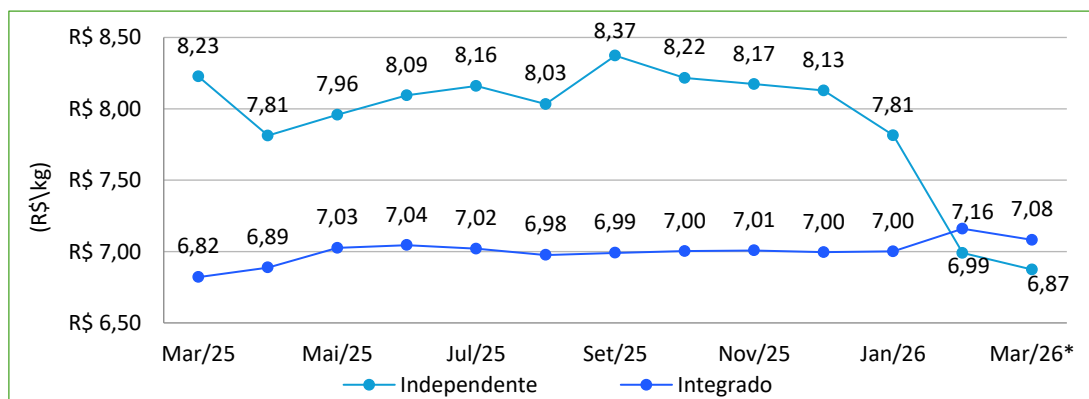


Figura 3. Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

Quando se comparam os valores de março deste ano com os do mesmo mês de 2025, observa-se também um cenário bastante distinto entre os dois perfis de produtores: queda de 16,4% para os independentes e alta de 3,8% para os integrados.

No mercado atacadista, as duas primeiras semanas de março foram marcadas por comportamentos variados nos preços, a depender do tipo de corte. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, três apresentaram variação positiva em relação a fevereiro: costela (1,4%); carcaça (0,5%) e lombo (0,2%). Por outro lado, o pernil e o carrê, registraram quedas: -2,0% e -0,1%, respectivamente. Na média dos cinco cortes, não se observou variação no período.

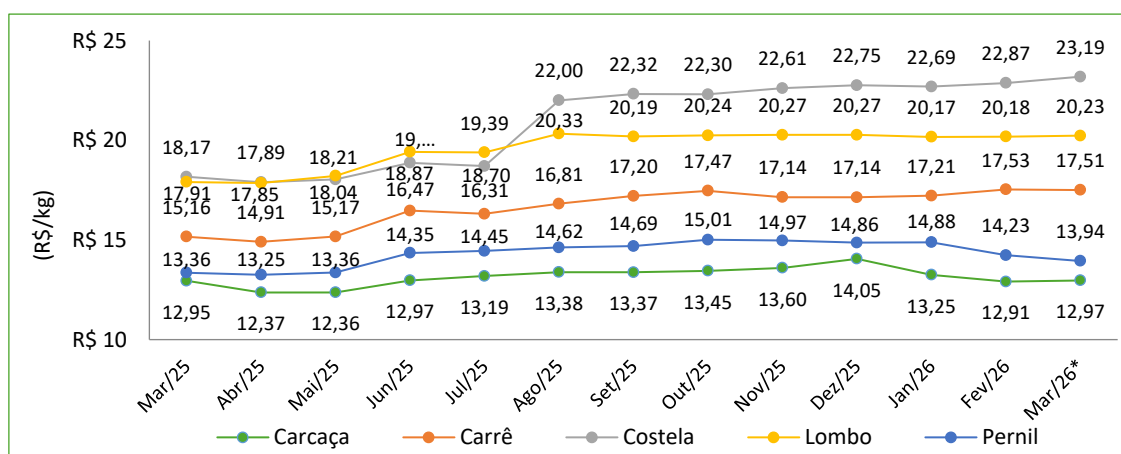


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa



Quando se comparam os preços preliminares de março deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações positivas em todos os casos, algumas com índices bastante expressivos: costela (27,6%); carrê (15,5%); lombo (13,0%); pernil (4,4%) e carcaça (0,2%). A elevação média do período foi de 12,1%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina atingiu R\$6,45 por kg de peso vivo em janeiro, o que representa uma alta de 3,9% em relação ao valor do mês anterior. O valor atual está 3,7% acima do custo calculado para janeiro de 2025 (corrigido pelo IGP-DI). Até a data de finalização do presente boletim, a informação relativa a fevereiro ainda não havia sido divulgada.

Os preços dos leitões em Santa Catarina, por sua vez, apresentaram quedas nas primeiras semanas de março em relação às médias do mês anterior: -2,1% para os leitões de 6kg a 10kg e -0,9% para os leitões de aproximadamente 22kg. Na comparação entre os valores deste mês com os de março de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observam-se situações distintas nas duas categorias: queda de 0,3% para os leitões de 6kg a 10kg e alta de 4,8% para os leitões de aproximadamente 22kg.

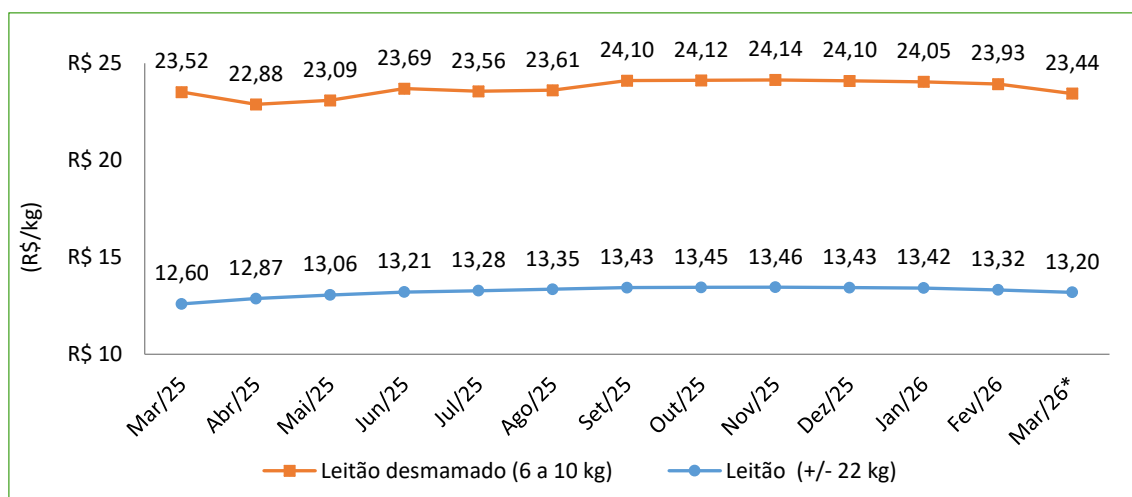


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

Já a relação de troca insumo-produto apresentou pequena alta de 0,4% nas duas primeiras semanas de março. Esse cenário é resultado das quedas nos preços médios estaduais⁹ do milho (atacado), por um lado, e do suíno vivo, por outro. Na comparação com o mesmo mês de 2025, verifica-se uma queda de 4,9% no índice. Isso significa que atualmente os produtores precisam de aproximadamente 0,5 kg a menos de suíno vivo para comprar uma saca de milho.

⁹ A partir da edição anterior do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto será calculada levando em consideração os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

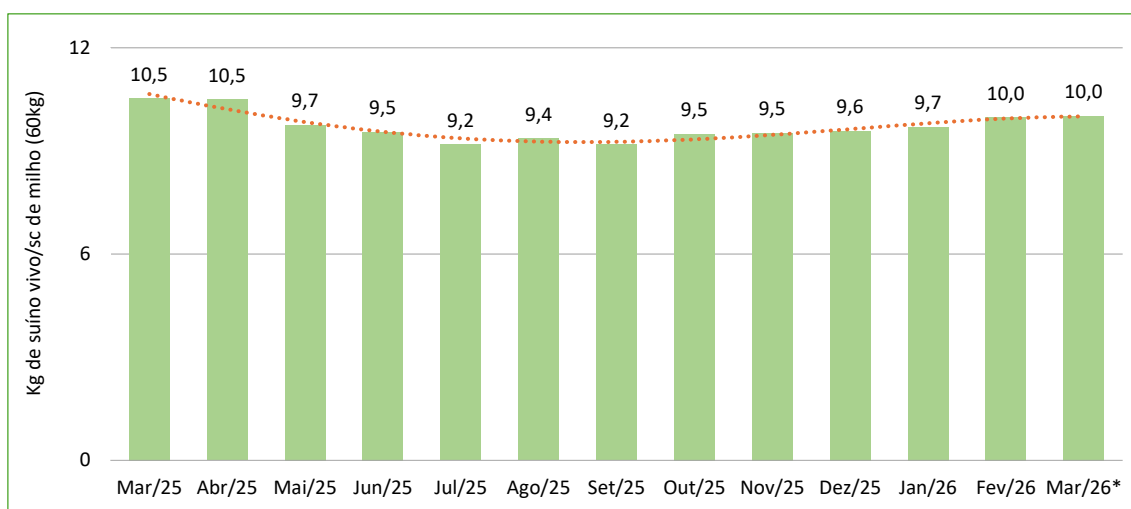


Figura 6. Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de março de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

O Brasil exportou 118,7 mil toneladas de carne suína em fevereiro de 2026, volume que representou uma alta de 5,1% em relação a janeiro e de 5,9% na comparação com fevereiro de 2025. As receitas atingiram US\$281,3 milhões, crescimento de 5,2% frente ao mês anterior e de 4,1% em relação a fevereiro do ano passado.

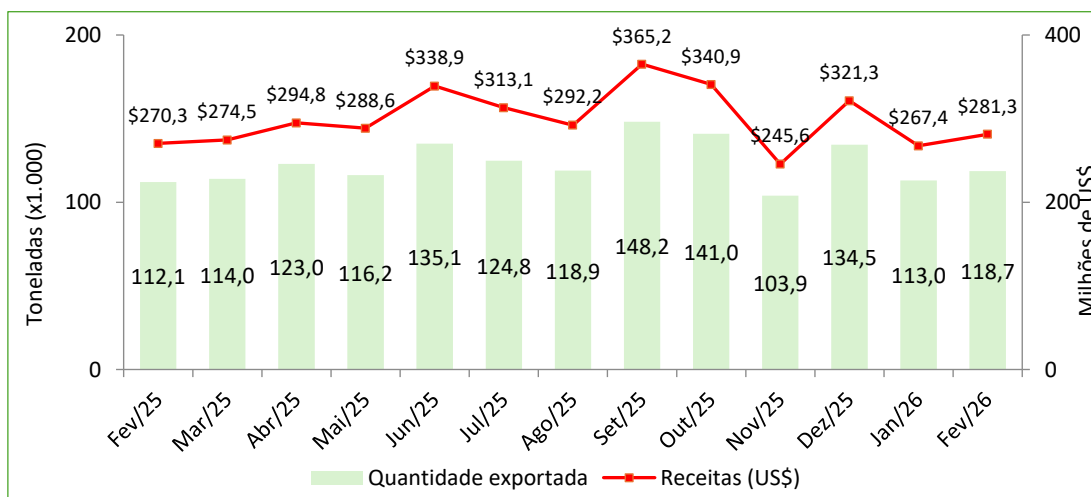


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

No acumulado do 1º bimestre, o país exportou 231,7 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$548,7 milhões, valores que representam crescimentos de 9,7% e 9,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado.



Os principais destinos das exportações brasileiras nos dois primeiros meses do ano foram as Filipinas, que concentraram 31,1% das receitas totais, seguidas por Japão (15,1%), China (7,9%) e Chile (7,1%).

Santa Catarina exportou **56,2 mil toneladas** de carne suína em fevereiro, volume que representou uma alta de 0,7% em relação a janeiro, mas uma queda de 8,6% na comparação com o mesmo mês do ano anterior. As receitas foram de **US\$138,6 milhões**, com pequena alta de 0,1% frente a janeiro, porém um recuo de 6,9% em relação a fevereiro de 2025.

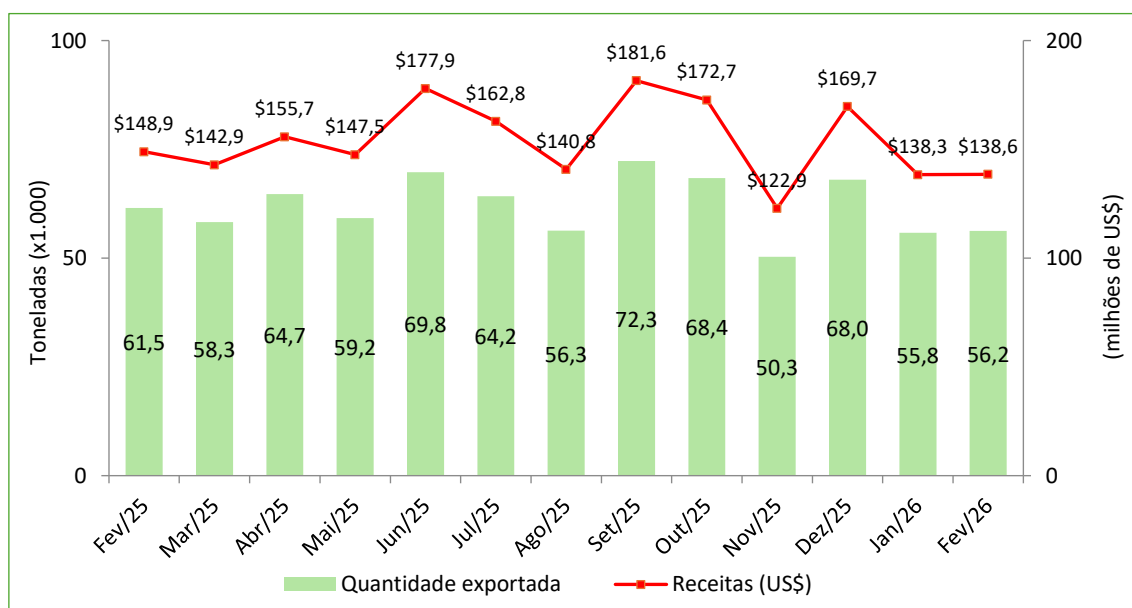


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em fevereiro ficou em **US\$2.563,60** por tonelada – queda de 0,5% ante janeiro, mas 2,8% acima do valor registrado em fevereiro do ano anterior.

No acumulado do 1º bimestre, o estado exportou **112,1 mil toneladas**, com receitas de **US\$276,9 milhões**, valores que representam quedas de 4,4% e 1,0%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025.

Os principais destinos da carne suína catarinense nos dois primeiros meses do ano foram Japão (29,8% das receitas totais), Filipinas (21,3%) e China (14,5%). Além de liderar o ranking, o Japão se destaca pelo crescimento na comparação com o mesmo período do ano anterior: aumento de 45,5% no volume e de 38,7% nas receitas. A China, por outro lado, embora continue ocupando posição de destaque, reduziu suas aquisições no primeiro bimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano anterior (-36,0% em volume e -32,9% em receitas), o que, em grande medida, explica os resultados negativos do 1º bimestre.



Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º bimestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	82.648.304,00	29,8	25.099	22,4
Filipinas	59.038.846,00	21,3	26.479	23,6
China	40.105.532,00	14,5	18.317	16,3
Chile	20.001.898,00	7,2	8.478	7,6
México	14.087.336,00	5,1	6.214	5,5
Demais países	61.021.369,00	22,0	27.502	24,5
Total	276.903.285,00	100	112.087	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina respondeu por **48,4% do volume** e **50,5% das receitas** totais das exportações brasileiras de carne suína em janeiro e fevereiro.

O conflito entre Irã, Israel e Estados Unidos, embora não atinja diretamente a suinocultura, deve provocar efeitos indiretos relevantes sobre a produção animal em escala global. O principal impacto está associado ao aumento dos preços da energia, com reflexos nos custos logísticos, no transporte e nos insumos utilizados na atividade pecuária. Esse cenário, que pode afetar a competitividade da atividade, deixa o setor suinícola em alerta.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em fevereiro de 2026¹⁰ o estado de Santa Catarina produziu **1,36 milhão de suínos** – montante 2,9% inferior ao de fevereiro de 2025.

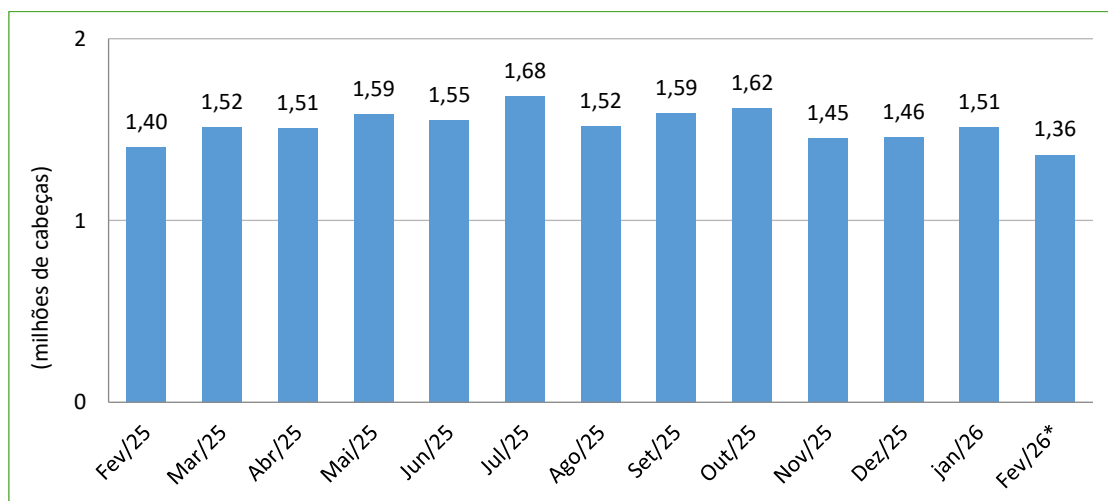


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção mensal

Fonte: Cidasc

¹⁰ Os dados referentes a janeiro são preliminares, passíveis de atualização no próximo Boletim Agropecuário.



Considerando-se o acumulado no 1º bimestre, a produção deste ano soma 2,87 milhões¹¹, o que representa uma queda de 3,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Ao analisar apenas o valor de janeiro, já que o número de fevereiro é preliminar, verifica-se queda menos expressiva no volume de animais destinados ao abate: -1,8%.

¹¹ Desse total, 89,5% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a abatedouros localizados em outros estados.



Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

andreassing@epagri.sc.gov.br

Captação de leite

Em 12 de fevereiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a estimativa preliminar da captação de leite no Brasil para o 4º trimestre de 2025, que totalizou 7,4 bilhões de litros. Esse volume é aproximadamente 9% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior, configurando a maior variação para o trimestre nos últimos cinco anos. Caso essa estimativa seja confirmada, a captação de leite pelas indústrias inspecionadas no Brasil deverá alcançar 27,5 bilhões de litros em 2025, volume cerca de 9% superior ao observado em 2024 (Tabela 1).

O ano de 2025 foi marcado por taxas de crescimento acima da média recente em todos os trimestres, com destaque para o segundo e o terceiro, que apresentaram expansão de cerca de 10% em relação aos mesmos períodos de 2024.

Tabela 1. Captação de leite Brasil por trimestre (bilhões de litros)

Trimestre	2020	2021	Var.%	2022	Var.%	2023	Var.%	2024	Var.%	2025	Var.%
1º	6,4	6,6	2	6,0	-9	6,0	1	6,3	5	6,6	5
2º	5,9	5,8	-1	5,5	-6	5,8	5	5,9	3	6,5	10
3º	6,5	6,2	-5	6,1	-1	6,3	3	6,4	1	7,0	10
4º	6,8	6,5	-4	6,3	-3	6,5	3	6,8	5	7,4 ¹	9
Total	25,6	25,1	-2	23,9	-5	24,6	3	25,4		27,5	9

⁽¹⁾ Estimativa preliminar.

Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite - IBGE (2026)

Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Brasileira

Em fevereiro de 2026, o Brasil exportou 3,2 mil toneladas de produtos lácteos (figura 1), volume 10% superior ao registrado em janeiro de 2026 (2,9 mil toneladas). Na comparação com fevereiro de 2025, quando as exportações somaram 2,8 mil toneladas, observa-se crescimento de 14%.

Em termos de receita, as exportações totalizaram 8,1 milhões de dólares (valor FOB), representando aumento de 23% em relação a janeiro de 2026 (6,6 milhões de dólares). No comparativo interanual, a receita também apresentou elevação de 9% frente a fevereiro de 2025, quando havia alcançado 7,4 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Entre os principais produtos lácteos exportados em fevereiro, destacaram-se o soro de leite, responsável por 41% do volume total embarcado, seguido pela manteiga (18%) e pelo creme de leite (12%).

Quanto aos destinos das exportações brasileiras, a China liderou as compras, com 23% do total exportado, seguida por Uruguai e Estados Unidos, com 9% e 7% de participação, respectivamente.

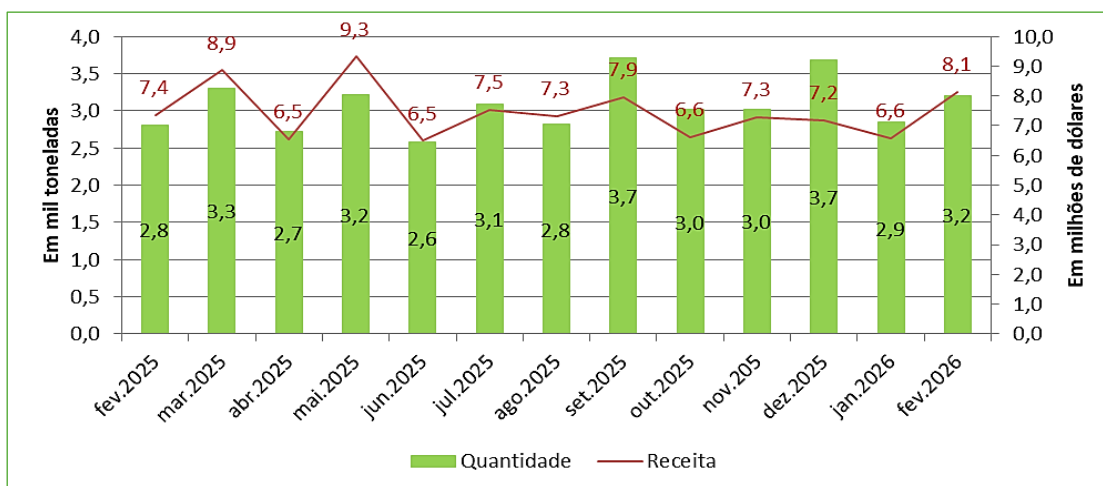


Figura 1. Leite – Brasil: evolução das exportações mensais – (fev./2025 a fev./2026)

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026

Em fevereiro de 2026, o Brasil importou 21,8 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 2). Esse volume foi 4,3% superior ao registrado em janeiro de 2026 (20,9 mil toneladas) e 13,8% inferior ao observado em fevereiro de 2025, quando as importações somaram 25,3 mil toneladas.

Em termos de valor, as importações totalizaram 80,3 milhões de dólares (FOB), o que representa aumento de 2,6% em relação a janeiro de 2026 (78,3 milhões de dólares) e recuo de 19,7% frente a fevereiro de 2025, quando haviam alcançado 100,0 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Em fevereiro, entre os principais produtos lácteos importados, destacaram-se o leite em pó, responsável por 73% do volume total, seguido pelos queijos (16%) e pelo soro de leite (7%).

Quanto à origem das importações, a Argentina liderou como principal fornecedor, com 62% do total, seguida por Uruguai (26%) e Paraguai (8%).

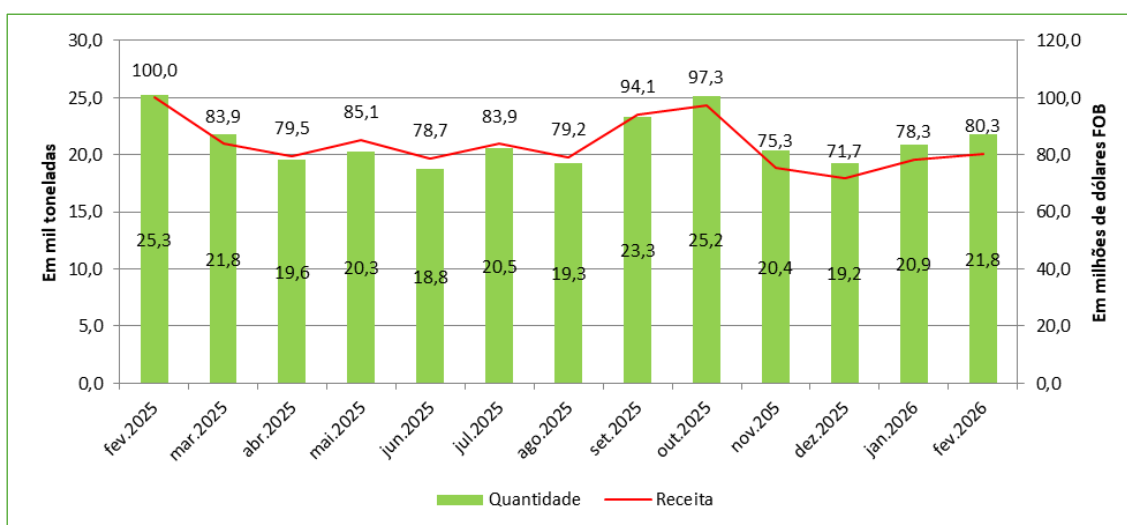


Figura 2. Leite – Brasil: evolução das importações mensais – (fev./2025 a fev./2026)

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026



A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em fevereiro de 2026, um déficit de 18,6 mil toneladas. Esse volume foi 3% maior em relação a janeiro de 2026, quando o déficit havia sido de 18 mil toneladas. Na comparação com fevereiro de 2025, período em que o déficit alcançou 22,5 mil toneladas, observa-se uma redução de aproximadamente 17%.

Balança Comercial Láctea Catarinense

Em fevereiro de 2026, o estado de Santa Catarina exportou 135,8 toneladas de produtos lácteos (Figura 3). Esse volume representa aumento de aproximadamente 1.576% em relação a janeiro de 2026 (8,1 toneladas) e crescimento de cerca de 743% na comparação com fevereiro de 2025, quando as exportações somaram 16,1 toneladas.

Em termos de receita, as exportações totalizaram aproximadamente 460 mil dólares (valor FOB), o que corresponde à elevação de cerca de 2.200% frente a janeiro de 2026 (20 mil dólares) e aumento de aproximadamente 820% em relação a fevereiro de 2025, quando a receita havia sido de cerca de 50 mil dólares.

Entre os principais produtos lácteos exportados em fevereiro, destacaram-se a manteiga, responsável por 53% do volume total embarcado, seguida pelo leite fluido (24%) e pelos queijos (18%).

Quanto aos destinos das exportações, o Uruguai liderou as compras, com 42% do total exportado, seguido pela Tunísia (35%) e pela Argentina (18%).

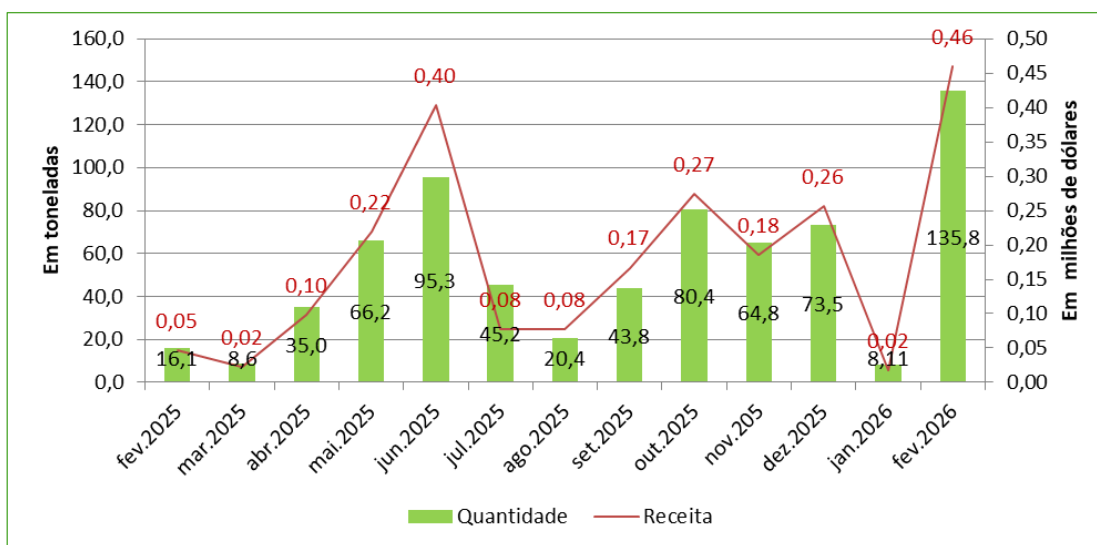


Figura 3. Leite – SC: evolução das exportações mensais – (fev./2025 a fev./2026)

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026

Em fevereiro de 2026, Santa Catarina importou 544 toneladas de produtos lácteos (figura 4), volume 9% superior ao registrado em janeiro de 2026 (498 toneladas) e 30% inferior ao observado em fevereiro de 2025 (780 toneladas).

Em termos de valor, as importações somaram 2,5 milhões de dólares (FOB), o que representa aumento de 9% em relação a janeiro de 2026 (2,3 milhões de dólares) e recuo de 31% frente a fevereiro de 2025, quando haviam alcançado 3,6 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.



Em fevereiro, entre os principais produtos lácteos importados por Santa Catarina, destacaram-se o leite em pó, responsável por 43% do volume total, seguido pelas demais gorduras lácteas (29%) e pelos queijos (17%).

Quanto à origem das importações, a Argentina foi o principal fornecedor, com 82% do total importado, seguida pelos Estados Unidos (11%) e pelo Uruguai (7%).

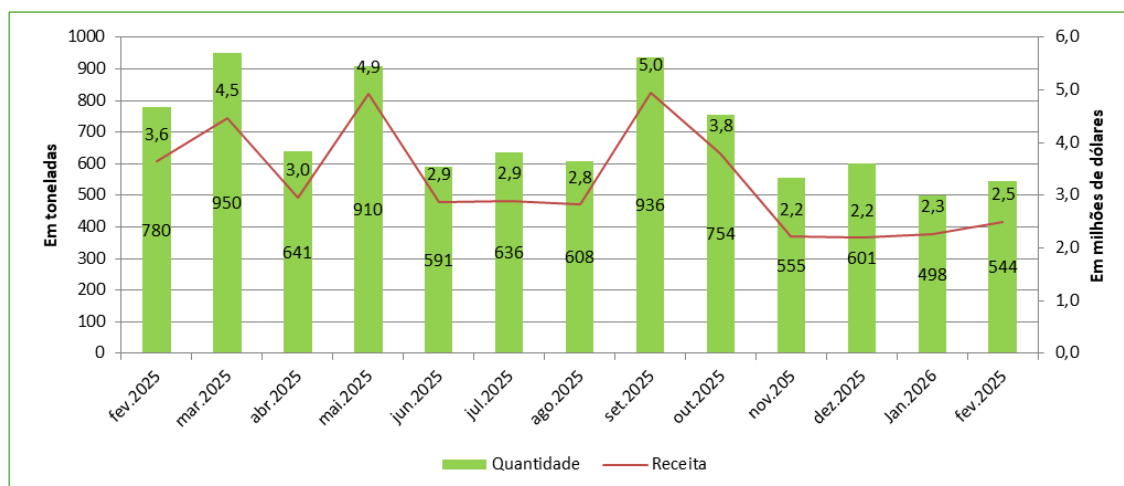


Figura 4. Leite – SC: evolução das importações mensais – (fev./2025 a fev./2026)

Fonte: Comex Stat/Mdic, março/2026

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em fevereiro de 2026, um déficit de aproximadamente 408,2 toneladas, resultado de importações de 544 toneladas e exportações de 135,8 toneladas. Esse saldo negativo representou queda de cerca de 17% em relação a janeiro de 2026, quando o déficit foi de aproximadamente 490 toneladas.

Na comparação com fevereiro de 2025, período em que o déficit alcançou cerca de 764 toneladas, observa-se melhora no desempenho da balança, com redução de aproximadamente 47% no saldo negativo.

Preços estaduais

Leite cru - Preço de referência Conseleite e Preço pago ao produtor Epagri/Cepa

No dia 27 de fevereiro, o Conseleite/SC realizou sua segunda reunião de 2026, de forma presencial no município de Chapecó/SC, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o mês de janeiro, além de projetar os valores para o leite entregue em fevereiro e que será efetivamente pago em março. Para o leite padrão, os valores nominais foram, respectivamente, R\$2,0595/litro e R\$2,1367/litro, o que representa um aumento de R\$0,0772/litro (figura 5).

Para fevereiro de 2026, a Epagri/Cepa estimou o preço médio mais comum pago ao produtor em 2,01/litro, um aumento real de R\$0,07 por litro em relação ao valor de R\$1,94/litro registrado em janeiro de 2026 (figura 6). Nos primeiros dias de março de 2026, a estimativa parcial do preço pago ao produtor foi de R\$2,10 por litro, representando aumento real de R\$0,10/litro. Com isso, o valor efetivamente pago aproxima-se do preço de referência estabelecido pelo Conseleite.

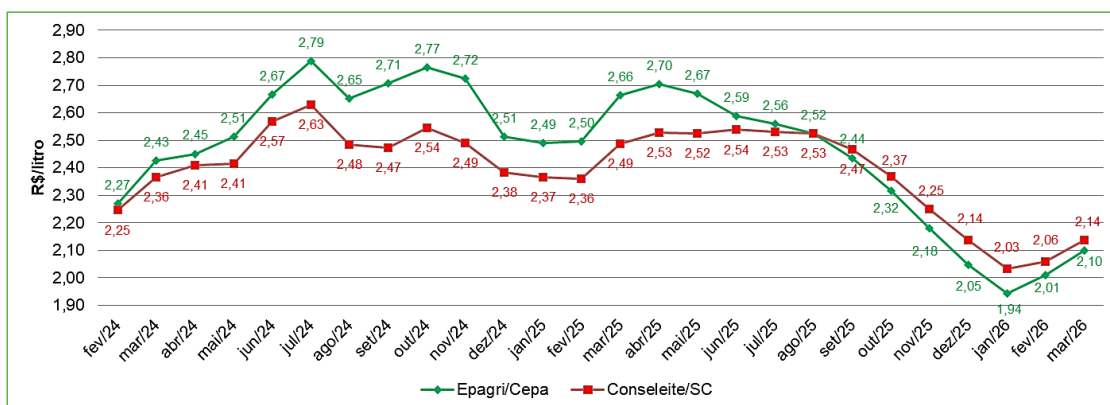


Figura 5. Leite – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (fev./2024 a mar./2026¹)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

Fonte: Epagri/Cepa, mar./2026

Preços dos derivados do leite

A partir de janeiro de 2026, o preço médio do leite longa vida (UHT), no atacado, passou a apresentar movimento de recuperação, interrompendo a trajetória de queda observada no segundo semestre de 2025. Em fevereiro, o valor médio foi de R\$3,42 por litro, avançando para R\$3,75 por litro em março de 2026, o que representa uma elevação de R\$0,33 por litro no período. A continuidade da alta entre fevereiro e março indica fortalecimento da reação dos preços no mercado atacadista, sugerindo um ambiente gradualmente mais favorável para os próximos meses (figura 6).

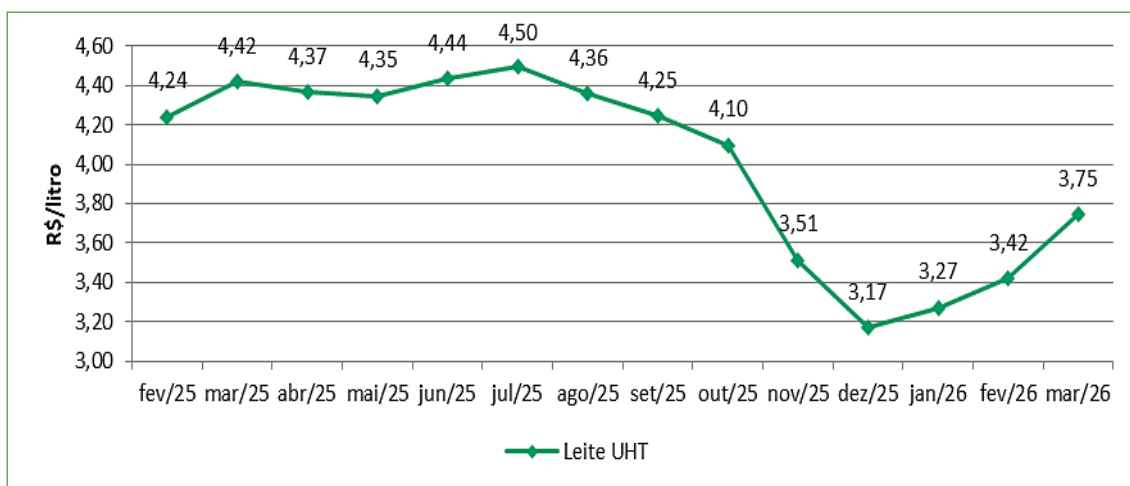


Figura 6. Leite – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (fev./2025 a mar./2026¹)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Para o queijo mussarela, os preços médios no atacado, por quilograma do produto, mantiveram trajetória de recuperação ao longo do primeiro trimestre de 2026, após atingirem os menores



patamares no final de 2025. Em janeiro, o preço médio foi de R\$25,0/kg, avançando para R\$25,5/kg em fevereiro e alcançando R\$26,3/kg em março de 2026. No período, observa-se alta acumulada de R\$1,3/kg, indicando recuperação gradual das cotações após a queda observada no segundo semestre do ano anterior (figura 7).

No caso do queijo prato, os preços médios no atacado também apresentaram movimento de recuperação no início de 2026. Em janeiro, o valor médio foi de R\$26,5/kg, elevando-se para R\$26,8/kg em fevereiro e atingindo R\$28,3/kg em março de 2026. A variação real acumulada no período foi de R\$1,8/kg, o que reforça o processo de recomposição de preços após a forte retração registrada no último trimestre de 2025 (figura 7).

Em relação ao leite em pó, observa-se comportamento relativamente estável dos preços no atacado ao longo dos três meses analisados. Em janeiro, o preço médio foi de R\$28,9/kg, passando para R\$30,0/kg em fevereiro e recuando levemente para R\$29,3/kg em março de 2026. Apesar das oscilações mensais, o produto manteve variação pouco expressiva no período, sinalizando um mercado ainda relativamente equilibrado (figura 7).

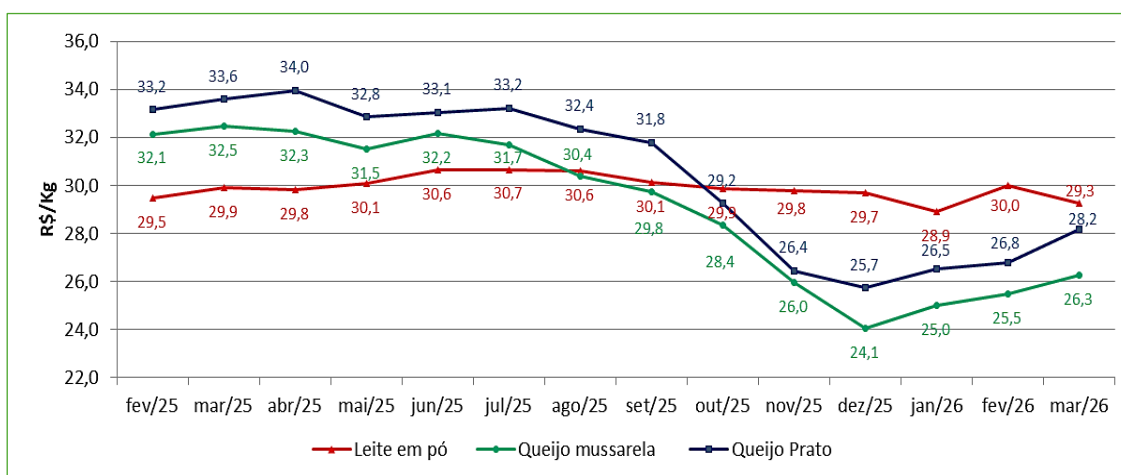


Figura 7. Produtos Lácteos – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (fev./2025 a mar./2026¹)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Variação dos preços por praça

Em fevereiro de 2026, a maior parte das praças analisadas registrou aumento mensal no preço mais comum pago ao produtor pelo litro de leite em relação a janeiro de 2026 (tabela 2). As elevações mais expressivas ocorreram no Alto Vale do Rio do Peixe (6%), com o preço passando de R\$1,70 para R\$1,80 por litro, seguido pelo Meio Oeste (5%), com avanço de R\$1,84 para R\$1,94, e pelo Oeste (5%), onde o valor subiu de R\$1,86 para R\$1,96 por litro. Também foram observados aumentos no Extremo Oeste (2%), Grande Florianópolis (1%) e Litoral Sul (1%), indicando movimento generalizado de recuperação dos preços no período. A única exceção foi o Litoral Norte, que apresentou retração de 11%, com o preço recuando de R\$2,63 para R\$2,34 por litro.

Na comparação entre fevereiro de 2025 e fevereiro de 2026, os preços pagos ao produtor apresentaram queda em todas as praças analisadas, evidenciando retração interanual do mercado. As reduções mais intensas foram registradas no Alto Vale do Rio do Peixe (-30%),



seguido pelo Extremo Oeste (-23%) e pelo Oeste (-23%). Também foram observadas variações negativas no Meio Oeste (-19%), Litoral Sul (-12%) e Litoral Norte (-2%). De forma geral, apesar da recuperação mensal observada em fevereiro, os preços pagos ao produtor permanecem em patamares inferiores aos registrados no mesmo período do ano anterior.

Tabela 2. Leite – Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina (litro)

Praça	Fev./2026	Jan./2026	Var. % mensal	Fev./2025	Var. % anual
Alto Vale do Rio do Peixe	1,80	1,70	6	2,57	-30
Extremo Oeste	1,95	1,90	2	2,53	-23
Grande Florianópolis	2,25	2,22	1		
Litoral Norte	2,34	2,63	-11	2,40	-2
Litoral Sul	2,17	2,15	1	2,48	-12
Meio Oeste	1,94	1,84	5	2,41	-19
Oeste	1,96	1,86	5	2,54	-23

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2026

Qualidade do leite

Em debates relacionados à cadeia produtiva do leite, por vezes é mencionada a hipótese de que o leite produzido em Santa Catarina apresentaria menor teor de sólidos em comparação ao leite argentino. Com o objetivo de avaliar essa hipótese, foram analisados os dados mais recentes de qualidade do leite disponíveis no Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e comparados aos indicadores médios divulgados pelo *Observatorio de la Cadena Láctea Argentina* (OCLA).

O dado mais recente disponível para Santa Catarina refere-se a fevereiro de 2024. Dessa forma, para fins de comparação, foi considerado o período compreendido entre janeiro de 2022 e fevereiro de 2024.

Na análise, foram considerados os teores de sólidos representados pelos percentuais de gordura e proteína, uma vez que o OCLA não disponibiliza dados de lactose de forma comparável. Os resultados dessa comparação estão apresentados nas tabelas 3.

De modo geral, observa-se que, na maior parte dos meses analisados, o leite produzido em Santa Catarina apresenta teores médios de sólidos superiores à média observada na Argentina (células destacadas em vermelho). Assim, os dados analisados não corroboram a hipótese mencionada. Ao contrário, mostram que o leite de Santa Catarina tem maior percentual de sólidos quando comparado ao leite da Argentina.



Tabela 3. Comparativo dos teores de sólidos no leite: Argentina e Santa Catarina (%)

Período	Argentina (ARG)			Santa Catarina (SC)			Diferença ARG - SC
	Gordura	Proteína	Total	Gordura	Proteína	Total	
Jan./22	3,59	3,27	6,86	3,77	3,18	6,95	-0,09
Fev./22	3,65	3,36	7,01	3,90	3,28	7,18	-0,17
Mar./22	3,80	3,42	7,22	3,97	3,30	7,27	-0,05
Abr./22	3,88	3,48	7,36	4,15	3,40	7,55	-0,19
Maio/22	3,88	3,51	7,39	4,16	3,38	7,54	-0,15
Jun./22	3,89	3,50	7,39	4,16	3,35	7,51	-0,12
ago./22	3,87	3,45	7,32	3,98	3,30	7,28	0,04
Ago./22	3,80	3,42	7,22	3,90	3,33	7,23	-0,01
Set./22	3,77	3,42	7,19	3,94	3,33	7,27	-0,08
Out./22	3,73	3,41	7,14	3,90	3,26	7,16	-0,02
Nov./22	3,66	3,36	7,02	3,85	3,22	7,07	-0,05
Dez./22	3,61	3,32	6,93	3,74	3,14	6,88	0,05
Jan./23	3,62	3,32	6,94	3,80	3,21	7,01	-0,07
Fev./23	3,65	3,33	6,98	3,87	3,27	7,14	-0,16
Mar./23	3,73	3,36	7,09	3,96	3,31	7,27	-0,18
Abr./23	3,85	3,46	7,31	4,05	3,37	7,42	-0,11
Maio/23	3,90	3,48	7,38	4,14	3,39	7,53	-0,15
Jun./23	3,88	3,47	7,35	4,08	3,37	7,45	-0,10
ago./23	3,85	3,38	7,23	3,99	3,33	7,32	-0,09
Ago./23	3,80	3,45	7,25	3,91	3,31	7,22	0,03
Set./23	3,76	3,45	7,21	3,88	3,28	7,16	0,05
Out./23	3,70	3,40	7,10	3,83	3,25	7,08	0,02
Nov./23	3,69	3,36	7,05	3,88	3,22	7,10	-0,05
Dez./23	3,67	3,31	6,98	3,79	3,19	6,98	0,00
Jan./24	3,64	3,30	6,94	3,78	3,23	7,01	-0,07
Fev./24	3,67	3,33	7,00	3,84	3,27	7,11	-0,11

Fonte: MAPA (Brasil) e OCLA (Argentina), março/2026

